

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS - IFMG  
*CAMPUS* OURO PRETO  
TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Lara Freitas de Oliveira

**OS EDIFÍCIOS TEATRAIS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL:  
Os Remanescentes do Século XIX**

Ouro Preto/MG  
2024

LARA FREITAS DE OLIVEIRA

**OS EDIFÍCIOS TEATRAIS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL:  
Os Remanescentes do Século XIX**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Tecnologia em Conservação e Restauro do Instituto Federal de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto para obtenção do grau de tecnólogo em Conservação e Restauro.  
Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Régis Eduardo Martins  
Co-Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Vivian da Silva Paulitsch

Ouro Preto/MG  
2024

---

O48e Oliveira, Lara Freitas de.  
Os edifícios teatrais no Estado do Rio Grande do Sul [manuscrito] : os remanescentes do século XIX / Lara Freitas de Oliveira. – 2024.  
89 f. : il.

Orientador: Régis Eduardo Martins.  
Coorientadora: Vivian da Silva Paulitsch.  
Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2024.

1. Arquitetura de teatros (Rio Grande do Sul). 2. Tipologia (Teatro).  
3. Teatro brasileiro - Séc. XIX. I. Martins, Régis Eduardo. II. Paulitsch, Vivian da Silva. III. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. IV. Título.

CDU: 727:792

---


Catálogo: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217

Lara Freitas de Oliveira

**OS EDIFÍCIOS TEATRAIS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL:  
Os Remanescentes do Século XIX**


Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Tecnologia em Conservação e Restauro do Instituto Federal de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto para obtenção do grau de tecnólogo em Conservação e Restauro.

Aprovado em: 08/02/2024 pela banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **REGIS EDUARDO MARTINS**  
Data: 16/02/2024 10:11:22-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof. Dr. Régis Eduardo Martins - IFMG (Orientador)

Documento assinado digitalmente  
 **VIVIAN DA SILVA PAULITSCH**  
Data: 19/02/2024 10:53:02-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Profa. Dra. Vivian da Silva Paulitsch - FURG (Co-orientadora)

Documento assinado digitalmente  
 **BARBARA HELENA ALMEIDA CARMO**  
Data: 21/02/2024 15:47:47-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Bárbara Helena Almeida Carmo - IFMG

Documento assinado digitalmente  
 **FERNANDA ALVES DE BRITO BUENO**  
Data: 20/02/2024 21:32:38-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Fernanda Alves de Brito Bueno - UFOP

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>5</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>5</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>6</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA</b>	<b>13</b>
1.1 Revisão Bibliográfica da Historiografia da Arquitetura Teatral Brasileira e Gaúcha	13
1.2 O Teatro no Rio Grande do Sul: Primórdios e Desenvolvimento das Edificações	15
1.3 Contextualização Social do Teatro no Século XIX no Rio Grande do Sul	18
<b>2 ESPAÇOS TEATRAIS</b>	<b>20</b>
2.1 Teatro Sete de Abril - Pelotas/RS	24
2.2 Teatro União - Triunfo/RS	26
2.3 Theatro São Pedro - Porto Alegre/RS	27
2.4 Teatro Múcio de Castro - Passo Fundo/RS	29
2.5 Theatro Prezewodowski - Itaqui/RS	30
2.6 Teatro Politeama Esperança - Jaguarão/RS	31
2.7 Theatro Treze de Maio - Santa Maria/RS	33
<b>3 ANÁLISE ARQUITETÔNICA</b>	<b>35</b>
3.1 Palco e plateia	35
3.1.1 Classificação segundo as tipologias de planta	39
3.2 Fachadas	50
3.2.1 Metodologia adotada	54
3.2.2 Classificação por variação estilística e forma	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>83</b>

## **RESUMO**

A pesquisa realiza uma revisão bibliográfica, documental e fotográfica dos edifícios teatrais gaúchos do século XIX, visando entender sua tipologia arquitetônica e contribuir para sua preservação. Sete teatros foram selecionados como objetos de estudo, com foco nos aspectos tipológicos, históricos e na relação entre forma e função, de modo a compreender os tipos de palco, plateia e fachadas dessa época. A documentação desses espaços não apenas enriquece o conhecimento histórico e cultural, mas também promove sua conservação e conscientização pública, estimulando futuras pesquisas sobre o tema.

**Palavras-chave:** Arquitetura teatral; Rio Grande do Sul; Tipologia; Preservação; Conservação.

## **ABSTRACT**

The research conducts a bibliographical, documentary, and photographic review of the theatrical buildings in Rio Grande do Sul from the 19th century, aiming to understand their architectural typology and contribute to their preservation. Seven theaters have been selected as objects of study, focusing on typological and historical aspects and on the relationship between form and function, in order to comprehend the types of stages, audiences, and facades of that period. The documentation of these spaces not only enriches historical and cultural knowledge but also promotes their conservation and public awareness, stimulating future research on the subject.

**Keywords:** Theatrical architecture; Rio Grande do Sul; Typology; Preservation; Conservation.

## **AGRADECIMENTOS**

Considero-me muito sortuda por ter encontrado tantas pessoas incríveis ao longo da minha trajetória no curso de tecnólogo e na elaboração deste trabalho de conclusão de curso. Muitas pessoas colaboraram para que este trabalho fosse finalizado, e a todas elas sou eternamente grata. Apesar disso, gostaria de expressar alguns agradecimentos especiais.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, por nunca deixar de me apoiar e estar ao meu lado.

À minha segunda casa, Imprevisto, e a todas as moradoras que enfrentaram cada fim de período junto comigo.

Aos professores, professoras, técnicos e técnicas do curso de Conservação e Restauro do IFMG que cruzaram o meu caminho ao longo dessa jornada.

Ao meu grupo inseparável, Gustavo, Isabela e Thais, sem dúvida alguma, eu não estaria realizando este trabalho nem estaria tão próxima da formatura sem vocês.

À minha amiga Clara Lúcia, que foi minha companheira do início ao fim dessa pesquisa e me ajudou incansavelmente.

Agradeço ao Luís Otávio, por cada abraço nos momentos em que eu pensava em desistir de tudo e ir embora a pé para o Rio Grande do Sul.

E aos meus orientadores excepcionais, Regis e Vivian, não tenho palavras que descrevam o quão crucial foi o apoio de vocês ao longo deste percurso.

Mudei-me para Ouro Preto para realizar o sonho de cursar Conservação e Restauro, e agora concluo uma parte dessa jornada que não foi fácil, mas que também teve momentos incríveis. Sou grata por tudo que aprendi no curso, nas cidades que conheci e nas pessoas que cruzaram o meu caminho; esses conhecimentos estarão sempre comigo. Por fim, agradeço a mim mesma por não ter desistido e por ter conseguido concluir este sonho.

## APRESENTAÇÃO

Minha trajetória teve início aos 14 anos, quando comecei a frequentar aulas de teatro no colégio durante o ensino médio. Ao longo de seis anos, integrei uma companhia teatral que percorreu diversos palcos e teatros no estado do Rio Grande do Sul, participando de um circuito teatral complexo que envolvia várias companhias, inclusive estrangeiras, como as da Argentina e do Uruguai. Posteriormente, decidi cursar História da Arte na Universidade Federal do Rio Grande, direcionando meu foco para o estudo da cidade onde nasci e residi, Rio Grande. Sob a orientação da Professora Vivian Paulitsch iniciei uma pesquisa iconográfica sobre o teatro na cidade, foi pesquisado os primórdios do teatro no local, dando ênfase aos objetos de estudo, os dois primeiros teatros: o Sete de Setembro e o Politeama Rio-grandense<sup>1</sup>. Ambos foram analisados iconograficamente, pois não existem mais na atualidade<sup>2</sup>.

Essa experiência me levou a buscar uma compreensão mais profunda do campo do patrimônio e da conservação. Após uma especialização em patrimônio arquitetônico e urbano, iniciei minha jornada como estudante do curso de tecnologia em Conservação e Restauro no Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Ouro Preto. Ao longo dessa trajetória, enfrentei desafios e questionamentos, especialmente ao ampliar meu escopo de pesquisa para além da cidade do Rio Grande.

Aprofundi-me na história do estado do Rio Grande do Sul, percebendo o século XIX como um período canônico para a arquitetura teatral, com construções complexas em alto número. Dessa forma, minha pesquisa evoluiu para a investigação dos teatros remanescentes do século XIX no estado, confrontando a preservação e descaracterização de edificações importantes, como os teatros 7 de Setembro e Politeama Rio-grandense.

Essa busca me fez questionar quais teatros desse período ainda subsistem, entendendo que a compreensão desses teatros remanescentes do século XIX no estado do Rio Grande do Sul não apenas enriquece nosso conhecimento histórico e cultural, mas também desempenha um papel crucial na preservação para as gerações futuras. Estas edificações não são meramente testemunhos da arquitetura

---

<sup>1</sup> Para mais informações: <https://www.seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/viewFile/111533/63817>

<sup>2</sup> Para mais informações: [https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/conteudo\\_digital/265fe911b2c6c74459a7a9e7f1587839.pdf](https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/conteudo_digital/265fe911b2c6c74459a7a9e7f1587839.pdf)

teatral de épocas passadas; são tesouros que refletem a identidade e a evolução cultural da região. A preservação desses teatros vai além da manutenção de estruturas físicas; trata-se de preservar a memória coletiva e as narrativas que esses espaços encapsulam. São palcos onde as artes cênicas ganharam vida, testemunhando eventos culturais, sociais e históricos que moldaram a comunidade local.

Ao compreender a importância desses teatros remanescentes, busca-se sensibilizar a sociedade e as autoridades sobre a necessidade de medidas concretas para a conservação e restauração dessas edificações. A preservação não é apenas um ato de manutenção física, mas um investimento na identidade cultural e na riqueza histórica do estado. Viñas discute diversos tipos de conservação, compreendendo esta como “atividade que consiste em manter o que agora temos; em outras palavras, a conservação consiste em evitar (isto é, prevenir) as alterações futuras de um bem determinado” (VIÑAS, 2021, p.19).

Portanto, preservar esses teatros é garantir que as futuras gerações tenham a oportunidade de experimentar, estudar e se inspirar na arquitetura e na história que esses espaços representam. É um compromisso com a transmissão do patrimônio cultural, promovendo uma conexão contínua entre passado, presente e futuro. Por fim, a compreensão e preservação desses teatros remanescentes não são apenas um imperativo cultural, mas uma contribuição significativa para a construção de uma sociedade que valoriza e resguarda suas raízes históricas e artísticas.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão abordará a historiografia da arquitetura teatral gaúcha, um tema que, até o momento, carece de estudos aprofundados. A relevância dessa investigação reside na escassez de análises sobre os teatros que marcaram a história cultural do Rio Grande do Sul, bem como na ausência de um corpus teórico consolidado sobre a arquitetura desses espaços. Diante desse contexto, a presente pesquisa se propõe a continuar a preencher essa lacuna.

Alicerçado em minha formação, incluindo uma análise mais científica e tipológica, busco compreender esses teatros sob uma perspectiva arquitetônica. Vale ressaltar que, devido às limitações de tempo, esta pesquisa enfocará principalmente nos aspectos tipológicos e históricos, sem aprofundamento na análise construtiva das edificações. Pensando nas origens da tipologia arquitetônica, Vitruvius trata de uma tríade de elementos fundamentais da arquitetura: firmitas, utilitas e venustas. Ou seja, a ordem construtiva, de estabilidade, à ordem funcional, o uso, e, por fim, a ordem plástica, de cunho estético. Sendo assim, pode-se dizer que não serão analisadas nesta pesquisa as questões construtivas, mas as funcionais e plásticas.

Portanto, o presente estudo volta-se para a análise da tipologia das construções arquitetônicas no estado do Rio Grande do Sul no século XIX. Para tanto, foram selecionadas as edificações remanescentes da época, adotando como critérios os teatros inaugurados no século XIX que permanecem em funcionamento como casas de espetáculo até os dias atuais. Sete objetos de pesquisa foram identificados para a realização do estudo.

A análise inicia-se com a catalogação dos tipos de palco e plateia, baseada em estudos que já identificaram e nomearam as principais tipologias existentes. No que concerne às fachadas, conduziu-se uma classificação a partir da arquitetura do período, compreendendo os tipos (ou não) identificados nos objetos de estudo. De modo a entender como se conduziu sua construção plástica, a qual está intimamente ligada à ordem funcional à qual esse tipo de edificação serve.

O levantamento e análise da bibliografia e documentação existente sobre a história e historiografia do teatro e da arquitetura teatral gaúcha foram realizados, assim como uma análise documental, especialmente fotográfica, para compreender e classificar os tipos. Além disso, esses teatros históricos ainda existentes estão

diretamente relacionados à produção teatral atual no estado, sendo frequentemente ocupados por companhias e suas produções cênicas, presentes em diversos municípios gaúchos. Desse modo, considerar os edifícios teatrais remanescentes é de suma importância, pois por meio deles é possível identificar a arquitetura teatral no contexto do teatro gaúcho, além de compreender parte da imaterialidade presente nesses espaços, dado que, como comprovado em pesquisas anteriores, o fazer cênico e o público afetam a forma arquitetônica que os teatros possuem (DANCKWARDT, 2001).

O Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - ICOMOS, em uma de suas cartas - Princípios para a análise, conservação e restauro estrutural do patrimônio arquitetônico, publicado em 2003, indica como critérios gerais para o objetivo subentendido pelo título como um esforço multidisciplinar, e que o valor do patrimônio arquitetônico não está apenas voltado à sua estética, mas à integridade em que se encontra no seu tempo, portanto, indica-se a conservação das estruturas interiores e não apenas as fachadas. Ademais, é frisada a compreensão do patrimônio arquitetônico não como um objeto único, mas um edifício como um todo. Portanto, na prática, a própria carta indica que as estruturas arquitetônicas têm uma história complexa e que requerem estudos e propostas que se assemelhem à Anamnese na medicina, em que se busca um diagnóstico, terapia e controle. Ademais,

Na prática da conservação é necessária uma compreensão total das características estruturais e materiais. É essencial ter informação sobre a estrutura, nos seus estados original e primitivo, sobre as técnicas que foram usadas na construção e nas alterações, e sobre os seus efeitos, sobre os fenômenos que possam ter ocorrido e, finalmente, sobre o seu estado presente (ICOMOS, 2003, p.3)

Ao registrar detalhes arquitetônicos, históricos e culturais desses teatros, contribui-se para a formação de um acervo valioso. Essa documentação serve como uma ferramenta essencial para pesquisadores, conservadores, restauradores e autoridades competentes envolvidas na preservação do patrimônio cultural. Um dossiê de restauro só pode ser bem executado após compreender a edificação o máximo possível, para assim, tomar as melhores decisões em relação às intervenções que podem ser necessárias.

Desse modo, a geração de informações, pesquisas e documentos sobre esses teatros remanescentes do século XIX no estado do Rio Grande do Sul desempenha um papel fundamental na colaboração para sua preservação. O processo de coleta e documentação dessas informações não apenas enriquece nosso entendimento histórico, mas também fornece uma base sólida para a implementação de estratégias de conservação eficazes.

Além disso, a criação de informações e pesquisas sobre esses locais contribui para a conscientização pública. A divulgação de descobertas e dados relevantes estimula o interesse da comunidade, sensibilizando-a para a importância desses teatros e gerando apoio público para iniciativas de preservação. Isso cria um ciclo virtuoso, onde a conscientização resulta em maior envolvimento da sociedade na proteção desses edifícios arquitetônicos.

Em resumo, a criação de informações, pesquisas e documentos sobre esses teatros não apenas contribui para o conhecimento histórico e cultural, mas também fortalece os esforços para preservar esses importantes patrimônios. Essa abordagem que une pesquisa e ação, é essencial para garantir que esses teatros continuem a inspirar e enriquecer as futuras gerações.

Por fim, o trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro capítulo destina-se a contextualizar historicamente o Rio Grande do Sul no século XIX, além de apresentar uma revisão bibliográfica da historiografia da arquitetura teatral brasileira. Depois, analisa-se o desenvolvimento do teatro no Rio Grande do Sul, enfatizando o século XIX.

Já no segundo capítulo serão apresentados os sete objetos de estudo que foram selecionados através dos critérios pré-estabelecidos. Estes deveriam ser casas de espetáculo inauguradas no século XIX no Rio Grande do Sul e que ainda funcionem como casas de espetáculo em 2023, mantendo grande parte de suas características arquitetônicas originais. Ademais, apresenta-se um breve histórico das edificações.

O terceiro capítulo inicia a análise arquitetônica dos teatros remanescentes no estado. Portanto, neste capítulo, explora-se a tipologia dos teatros a partir de tipos pré-existentes baseados na forma arquitetônica do palco e da plateia. Os tipos de categorias de teatros são arena, elisabetanos e italianos, e cada um possui suas variantes.

Após isso, ainda neste capítulo, é feita a classificação das fachadas dos teatros selecionados. Discorre-se acerca da arquitetura no período em questão e usasse guias de elementos arquitetônicos em busca de realizar uma descrição arquitetônica de cada fachada, dando ênfase para os ornatos presentes nestas. Desse modo, classificando estes edifícios teatrais através de elementos, que representam tipologias, tipos ou modelos. Ademais, acaba-se por abordar o trânsito de ornatos ocorrido na época e como isso influenciou na arquitetura brasileira como um todo.

Através dessa abordagem, busca-se compreender a arquitetura teatral gaúcha em seu cânone, verificando a existência dos tipos e formas. Para mais, além de produzir conteúdos acerca da temática, visa-se instigar novas pesquisas sobre o tema. Pois, ao estudar, divulgar, pesquisar esses locais deseja-se que os mesmos sejam melhor preservados e salvaguardados para as futuras gerações. Ressaltando-se a importância dos teatros remanescentes para a atualidade, a própria autora do trabalho atuou em alguns dos palcos aqui pesquisados, trazendo um olhar tanto de atriz quanto de audiência para a pesquisa e sentindo os reflexos do estado de conservação dos teatros históricos do estado.

## **1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA**

Neste capítulo, inicialmente, é apresentada uma revisão bibliográfica da historiografia da arquitetura teatral brasileira, destacando estudos que abordam a tipologia dos teatros no país. Após isso, discorre-se brevemente sobre a formação social e territorial do Rio Grande do Sul, ressaltando aspectos que influenciaram o desenvolvimento cultural da região. Em seguida, analisa-se o desenvolvimento do teatro no Rio Grande do Sul, com ênfase no século XIX, período de maior relevância para esta pesquisa, para, por fim, discutir as relações do teatro com a sociedade.

### **1.1 Revisão Bibliográfica da Historiografia da Arquitetura Teatral Brasileira e Gaúcha**

A pesquisa conduzida pela Profa. Dra. Evelyn Lima (2020) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UniRio revela uma lacuna significativa na historiografia da arquitetura teatral moderna e contemporânea no Ocidente. Em uma de suas publicações mais recentes, a autora discute os resultados de sua pesquisa intitulada "Estudos do Espaço Teatral: Arquitetura, Teatro e Cultura" (8ª etapa), abordando a historiografia da arquitetura teatral desde o Renascimento até os dias atuais.

No contexto brasileiro, observa-se uma escassez de pesquisas sobre a historiografia e a história da arquitetura teatral nacional, destacando-se os trabalhos de Evelyn Lima e João Roberto Gomes de Faria. A Biblioteca Crítica do Teatro Brasileiro, estabelecida em 2010, é uma referência essencial para os registros históricos do teatro, compilando bibliografias relacionadas, incluindo publicações, dissertações e teses, totalizando 4.301 referências bibliográficas.

A história do teatro brasileiro remonta ao século XVI, com um desenvolvimento mais acentuado no início do século XIX. No Rio Grande do Sul, as primeiras salas de espetáculos foram erguidas no final do século XVIII e na primeira metade do século XIX (BITTENCOURT, 2007). Desse modo, a escassez de pesquisas sobre a historiografia e a história do teatro gaúcho, não apenas focando na arquitetura, foi apontada pela Profa. Dra. Taís Ferreira em seu artigo publicado na revista americana Ometeca em 2014. A autora revisa a bibliografia existente e apela à pesquisa e à criação de novos referenciais sobre o tema.

Foram encontradas bibliografias, desde artigos até teses específicas sobre cidades e edifícios teatrais do estado; essas foram utilizadas nessa pesquisa e encontram-se nas referências e ao final de cada subcapítulo. No entanto, há escassez de autores que abordaram a história do teatro gaúcho como um todo, destacando-se Lothar Francisco Hessel e Ezio Bittencourt, ambos já falecidos.

Até o momento, não foi identificada nenhuma referência específica sobre a historiografia e a história da arquitetura teatral gaúcha em um único material. Entretanto, é relevante ressaltar as pesquisas do arquiteto e artista plástico brasileiro José Carlos Serroni. Em sua obra lançada em 2019, intitulada "Teatros: uma memória do espaço cênico no Brasil", ele se dedica de maneira especial à análise da arquitetura teatral brasileira, abrangendo parte dessa história ao longo de dois séculos e imortalizando 88 teatros brasileiros. Essas instalações são minuciosamente examinadas sob uma perspectiva arquitetônica, enriquecendo assim o entendimento sobre a evolução e diversidade da arquitetura teatral no contexto nacional.

Por fim, vale ressaltar o site Cartografia dos Palcos, o qual criou uma plataforma online de consulta e mapeamento de espaços de espetáculos (artes cênicas e música) existentes em 19 cidades que contemplam as nove regiões funcionais do COREDES (Conselhos Regionais de Desenvolvimento) no Rio Grande do Sul. O site oferece informações precisas sobre quais são os teatros que estão aptos a receber espetáculos e de que estrutura eles dispõem. Além de mapear e fazer uma radiografia dos espaços, o projeto ampliou-se com ações que colocam gestores e produtores em contato direto para formar uma rede de cooperação no Estado. No entanto, apesar de não ser mencionado no projeto, as autoras elaboraram um material documental sobre a arquitetura teatral do estado na atualidade muito relevante.

A historiografia da arquitetura teatral gaúcha, portanto, apresenta diversas lacunas, com a maioria das produções encontradas sobre essas edificações consistindo em pesquisas isoladas que não se interconectam, dificultando a compreensão das tipologias presentes no estado e suas inter-relações. Tanto na época em questão quanto nos dias atuais, identifica-se um circuito cênico integrado, com atores, atrizes e suas companhias viajando para realizar apresentações nos diversos teatros do estado e além dele. Sendo assim, é relevante obter uma

compreensão abrangente da história dos edifícios teatrais no estado, intrinsecamente ligada à própria história do teatro.

## **1.2 O Teatro no Rio Grande do Sul: Primórdios e Desenvolvimento das Edificações**

Durante a chegada dos portugueses ao Brasil, o território correspondente ao atual Rio Grande do Sul era habitado pelos povos indígenas minuanos, charruas e caaguaras, cuja presença remonta a cerca de 12 mil anos a.C. Essas comunidades viveram durante muito tempo sem interações significativas com os colonizadores europeus. Foi somente no século XVII, devido às disputas entre Portugal e Espanha sobre os limites de seus territórios na América, que a região começou a ser efetivamente ocupada pelos imigrantes. Portanto, a identidade regional dos estados do Sul do Brasil é resultado de uma formação social e territorial única.

O estado foi encontrado pelos portugueses em uma expedição chefiada por José da Silva Pais em 1736, o qual localizou a atual Lagoa dos Patos, que foi confundida com um rio grande, local onde foi fundado o forte de Jesus-Maria-José, hoje atual cidade do Rio Grande.

Em 19 de fevereiro de 1737, Brigadeiro José da Silva Paes estabeleceu uma fortificação militar no acesso do Canal da Barra que liga a Lagoa dos Patos ao Oceano Atlântico. Em meio a dunas de areia e terrenos alagadiços, alcançou a condição de Vila em 1751, sendo instalada a Câmara de Vereadores em 13 de dezembro do mesmo ano. Essa constituiu a primeira Câmara do Rio Grande do Sul.

Em 1760, foi criada a Capitania de Rio Grande de São Pedro. O local era um ponto estratégico para a defesa do território, estando a meio caminho entre Laguna e a Colônia do Sacramento. Por um período, a região sofreu ocupação espanhola (1763-1776), encerrada pela assinatura do Tratado de Santo Ildefonso (1777). Outras regiões do estado tiveram imigração e influência principalmente italiana e alemã. Em 24 de julho de 1773, Porto Alegre se tornou a capital da capitania, com a instalação oficial do governo de José Marcelino de Figueiredo.

Em 1809, a Vila do Rio Grande foi refundada, retomando seu desenvolvimento em meados do século XIX, com a construção de um atracadouro com melhores condições para o recebimento de maiores embarcações, o que

propiciou a instalação de diversas casas de comércio, muitas delas de origem estrangeira, o que influenciou o restante do estado.

No contexto histórico do século XIX, período central para esta pesquisa, o Rio Grande do Sul vivenciou eventos significativos. A Guerra dos Farrapos (1835-1845), também conhecida como Revolução Farroupilha, foi um conflito separatista que marcou a luta dos gaúchos por autonomia política. A guerra teve desdobramentos importantes e deixou um impacto duradouro na cultura e na memória coletiva do estado. O estado contribuiu com significativos contingentes militares, apesar da desorganização da população durante as mobilizações. Nesse período, a substituição do trabalho escravo pelo livre trouxe mudanças econômicas importantes, impulsionando a imigração como forma de suprir a mão de obra escassa. O governo imperial também promoveu a colonização não ibérica para formar uma classe média rural proprietária e contrapor-se ao poder dos latifundiários e escravistas.

Ademais, o século XIX foi um período de efervescência cultural e artística em todo o Brasil, marcado por transformações sociais e políticas. No Rio Grande do Sul, o teatro desempenhou um papel relevante na vida cultural das cidades, refletindo o contexto histórico e as influências culturais da época.

O estado, conforme destacado por Hessel (1999), ocupa posição de destaque no cenário teatral brasileiro. Em seu livro, fruto das pesquisas junto ao francês Georges Raeders, o autor registra dois estados que tiveram uma disseminação considerável do teatro em muitos municípios do interior: o estado já mencionado e Minas Gerais. Nesse sentido, o teatro transcende as fronteiras das cidades centrais, como Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, alcançando também o interior do estado, notadamente nas regiões de campanha e fronteira.

A obra em questão aborda predominantemente as manifestações teatrais ao longo do século XIX e início do século XX. Contudo, como evidenciado no próprio livro, não abarca todas as informações disponíveis sobre o tema. Além disso, destaca a existência de 44 municípios com atividades teatrais durante o período, representando mais da metade das cidades com manifestações cênicas, conforme dados do IBGE que indicam a presença de 66 municípios no estado em 1900.

Essa obra citada configura-se como uma das principais referências sobre a história do teatro gaúcho, abordando desde os primórdios até o desenvolvimento ao longo do tempo, incluindo o intercâmbio de atores e atrizes, o circuito teatral

percorrido pelas companhias de espetáculos e breves menções aos edifícios teatrais em alguns municípios. No entanto, a análise da arquitetura teatral não é aprofundada, deixando de examinar, por exemplo, as tipologias das edificações.

Os primeiros registros sobre o teatro no Rio Grande do Sul remontam ao final do século XVIII, quando, em 1780, já existia um espaço destinado a espetáculos teatrais em Porto Alegre. Entretanto, incêndios e reconstruções marcaram essas primeiras iniciativas. No final do século XVIII e início do século XIX, as elites abastadas do sul da Capitania começaram a se formar, assimilando modelos culturais europeus. Em 1794, segundo Lima (2005), foi construída a Casa da Comédia em Porto Alegre, com 400 assentos.<sup>3</sup>

No ano de 1939, o historiador Monteiro fez registros a respeito dos teatros existentes naquela época. Em Rio Grande, foi mencionado o Teatro Sete de Setembro, inaugurado em 1832. Em Pelotas, ele mencionou o Theatro Sete de Abril, inaugurado, segundo ele, em 1834. Em São Gabriel, há referência a um teatro inaugurado em 1856. Uma correspondência datada de 22 de abril de 1856, dirigida ao Diário do Rio Grande, publicou: "O teatro, depois de pronto, teve problemas nas paredes, sendo necessário escorá-las. No entanto, mesmo assim, é considerado o quarto teatro da Província." O autor da correspondência não especificou o nome desse teatro, o que impossibilitou a identificação da construção em questão. No entanto, na mesma cidade, foi registrada a inauguração do Teatro Harmonia em 1874. Esse teatro posteriormente foi renomeado para Cine Teatro Harmonia, em 1929.

Na cidade de Porto Alegre, o Theatro São Pedro foi inaugurado em 1858, de acordo com informações do historiador Coruja. Antes do Theatro São Pedro, existiu o Teatro da Ópera, construído com paredes de pau a pique e contendo duas ordens de 36 camarotes. Esse teatro foi construído durante o governo de Paulo José da Gama, cujo período de governo foi entre 1803 e 1809. No entanto, não se tem precisão do ano exato de construção, e o edifício acabou entrando em estado de ruína.

Em Alegrete, o Teatro Rio Branco foi construído em 1862, inicialmente com o nome de Teatro Independência. Ao longo do período imperial, ele também foi

---

<sup>3</sup> Durante um bom tempo, os teatros não continham cadeiras, sendo de responsabilidade dos espectadores levá-las para assistirem as apresentações.

denominado Teatro São Luiz e, posteriormente, Teatro 13 de Maio. Por volta de 1915, o nome foi novamente alterado para Teatro Rio Branco. Em 1851, na cidade de Jaguarão, existia um "theatrinho" pertencente à Sociedade Harmonia Jaguareense. Nesse local, o então presidente da província, Sinimbu, assistiu a uma representação teatral. Ademais, Monteiro (1939) observa que em todas as vilas da época deveriam existir pequenos teatros particulares, uma vez que o amor pela arte dramática estava disseminado.

No início do século XX, o cinema chegou ao Rio Grande do Sul, levando várias localidades a construir os chamados cine-teatros, que abrigavam tanto as artes cênicas quanto as cinematográficas, frequentemente em uma mesma noite de espetáculo dividida em atos. Esse processo remodelou as edificações teatrais existentes, resultando na demolição e reconstrução de muitas delas para acomodar a nova forma de arte ou na adaptação dessas estruturas. Como resultado provável das remodelações urbanas, mudanças nas noções de patrimônio, valorização das artes cênicas, adoção de novas tecnologias e medidas de segurança, poucos teatros do século XIX ainda estão em funcionamento no estado.

Portanto, nota-se que a arquitetura teatral gaúcha foi diversificada e atingiu seu ápice em termos de complexidade, dimensão e quantidade no século XIX. Já no início do século XX, populariza-se o advento do cinema. O teatro agora competia com uma nova arte que chamava a atenção do público; sendo assim, novamente ele reformula-se. O fazer cênico divide o palco com as máquinas e as projeções, e, para isso, as edificações teatrais também precisam adaptar-se.

### **1.3 Contextualização Social do Teatro no Século XIX no Rio Grande do Sul**

Diferentemente dos teatros de Rio Grande e de Pelotas, o São Pedro, construído algumas décadas mais tarde, já possuía galerias acessíveis ao público desde o início. Embora seja verdade que o Sete de Abril e o Sete de Setembro tinham um caráter elitista, é importante destacar que as mudanças no cenário urbano durante o século XIX - como a industrialização, a imigração, a abolição da escravidão e o crescimento das classes média e trabalhadora - levaram a uma transformação nessa situação.

Esses teatros passaram a prestar mais atenção às camadas populares devido a esses desenvolvimentos. Essas mudanças sociais deram origem a uma nova

dinâmica, resultando na reorganização espacial dos teatros burgueses da década de 1830. Isso explica a introdução de galerias adaptadas à capacidade financeira das massas nos teatros mencionados. A segunda metade do século XIX testemunhou um aumento no acesso das classes menos privilegiadas a esses locais de entretenimento. Nesse período, no Rio Grande do Sul, também surgiram diversos teatros voltados especificamente para o público em geral.

De acordo com Bittencourt (2001), o teatro tinha um papel fundamental na modelagem e na educação da sociedade da época, principalmente na representação da cidade. Em uma era em que os meios de comunicação eram limitados e as barreiras temporais e geográficas isolavam as comunidades, os teatros proporcionavam uma maneira de se conectar com o mundo além dos limites locais. Através dos palcos, as cidades, mesmo presas às suas próprias rotinas, conseguiam se tornar mais universais. Apesar de sua natureza socialmente restrita, os teatros se tornavam espaços importantes de convívio, onde um público diversificado se reunia para discutir uma ampla gama de temas relevantes para a época.

No século XIX, o teatro tinha uma missão essencial de educar a sociedade e contribuir para o seu desenvolvimento e civilização. Essa aspiração pela educação refletia o estado de espírito da emergente burguesia brasileira, que estava se conscientizando das necessidades da vida social. Os teatros construídos pelas elites urbanas no início do século XIX simbolizavam o triunfo dessa classe. Eles atraíam um público que valorizava a tradição, resistia a excessos e preferia abordagens mais suaves, enquanto também se preocupava com a moralidade e os comportamentos adequados. O teatro era considerado um ambiente familiar que precisava ser protegido contra qualquer forma de degradação moral.

Nas ideias das elites dirigentes e das classes ascendentes na sociedade urbana do século XIX no Brasil, frequentar teatros era visto como uma necessidade para adotar um estilo de vida moderno, urbano e civilizado, inspirado pela Europa burguesa e suas formas de interação social. Além de ser uma forma de entretenimento, os teatros eram vistos como ferramentas de aprimoramento civilizatório, representando o progresso e um tipo de lazer instrutivo. A presença nos teatros era considerada uma indicação de bom gosto e status social elevado, o que era crucial para as classes emergentes que buscavam símbolos de prestígio e identidade. Para a burguesia, frequentar o teatro era um ato público e ostensivo.

Porém, como mencionado, já na metade do século XIX, as classes populares viram-se contempladas por construções e espetáculos especialmente pensados para elas, o que obrigou os teatros elitizados a se remodelarem para também atender aos outros públicos. Com isso, não apenas as edificações teatrais sofreram alterações em suas construções ou foram construídas em novos modelos, como o fazer cênico adaptou-se para atrair e agradar; o teatro tornou-se um atrativo ao riso, ao divertimento, à fuga do serviço árduo da semana.

## **2 ESPAÇOS TEATRAIS**

O segundo capítulo desta pesquisa dedica-se à análise arquitetônica dos teatros remanescentes do século XIX no Rio Grande do Sul. Para tanto, inicia-se com a classificação e discussão das tipologias de teatros existentes. Em seguida, é feita a classificação específica dos sete teatros selecionados. O objetivo é compreender a diversidade e as características marcantes da arquitetura teatral gaúcha nesse período.

Até o momento, como já mencionado, foram identificadas apenas sete edificações que atendem aos critérios de seleção de teatros remanescentes. No entanto, ao analisar registros fotográficos e documentais, foi possível constatar que o estado já abrigou um número significativo de edifícios teatrais com palco que não foram preservados, sendo alguns totalmente demolidos e outros descaracterizados de suas funções originais.

As edificações teatrais selecionadas até o momento, em ordem cronológica, são as seguintes: a) Teatro Sete de Abril, na cidade de Pelotas, datado de 1834 e tombado pelo IPHAN em 1961<sup>4</sup>; b) Teatro União, na cidade de Triunfo e datado de 1848; c) Theatro São Pedro, localizado na cidade de Porto Alegre com construção iniciada em 1833 e inauguração em 1858, tombado pelo IPHAE em 1978; d) Teatro Múcio de Castro, na cidade de Passo Fundo, inaugurado em 1883; e) Theatro Prezewodowski, localizado em Itaqui, inaugurado em 1886 e tombado pelo IPHAE em 1982<sup>5</sup>; f) Teatro Politeama Esperança, na cidade de Jaguarão, datado de 1887, tombado pelo IPHAE em 1990, e, g) Theatro Treze de Maio, localizado na cidade de Santa Maria com construção datada de 1889 e inaugurado em 1890, tombado pelo município em 2014.

---

<sup>4</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

<sup>5</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, nesse caso, do Rio Grande do Sul.



Figura 03 - Mapa do Rio Grande do Sul atualmente com a marcação da localização dos teatros.



Fonte: Google Maps, 2024 - editado pela Autora.

Figura 04 - Legenda dos teatros apresentados nos mapas.



Fonte: Elaborado pela Autora.

Ademais, vale a pena ressaltar a diferença entre teatro e politeama. Politeamas eram compreendidos a partir da arquitetura da edificação, sendo geralmente semelhantes a um teatro de arena de variante semi-circular ou  $\frac{3}{4}$  de círculo - os tipos serão explicados posteriormente no capítulo 3. Desse modo, eles conseguiam tornar o centro da plateia um palco ou vice-versa, sendo a área que falta para fechar o círculo utilizada como um palco italiano ou até elisabetano móvel.

Muitas vezes esse tipo de edifício teatral está associado aos tipos de artes cênicas que apresentavam, as quais atraíam o público popular, não a burguesia e elite, como artes circenses, apresentações e rendas de animais, entre outras atividades que necessitavam de espaço maior. Todavia, em muitos casos, as nomenclaturas são confundidas e utilizadas de modo divergente de seu significado.

Além disso, o uso das palavras "theatro" e "teatro" também é relevante de ser analisado. Gramaticalmente, na língua portuguesa, o correto na época de inauguração dos espaços era "theatro", porém, atualmente seria correto o uso de "teatro", sem o uso da letra "h". No entanto, neste trabalho, optou-se por utilizar a escrita que os próprios locais se identificam e utilizam, assim como aqueles que se referem a eles, de modo que o trabalho possa ser mais facilmente encontrado e também mantenha o padrão de identificação da comunidade que se relaciona com o lugar.

Para mais, o conceito de lugar é muito discutido na área da geografia. Diversos estudos discutem o conceito, porém, uma grande maioria discute acerca das singularidades, significações e experiências que os lugares transmitem/causam em quem se relaciona com eles (STANISKI, JUNDKATSCH, PIREHOWSKI, 2014), os valores a que eles são atribuídos, uma área de estudo que coincide com o campo da conservação.

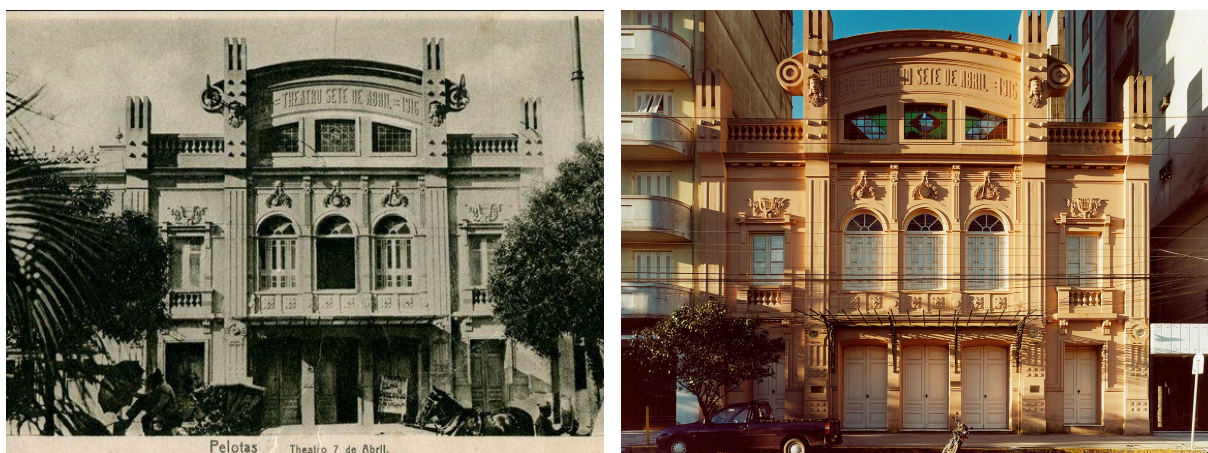
Tuan (1930) fala que diversos seres vivos - citando como exemplo alguns pássaros - constroem lugares, portanto, a superioridade inerente às pessoas não deve repousar nas construções em si. Mas, nessas construções serem capazes de definir funções sociais e relações, como as pessoas saberem como devem se comportar em determinados locais, como já compreendemos anteriormente na relação da sociedade e o teatro. O edifício, ou complexo arquitetônico, feito pelos seres humanos cria um meio ambiente capaz de afetar as pessoas que nele vivem, "o espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana" (TUAN, 1930, p. 114). Portanto, Tuan compreende que, na falta de livros e

instrução formal, a arquitetura é uma das formas de compreender a realidade, pois parte de um processo racional, seja de forma consciente ou não dos construtores que a realizaram.

Para uma melhor compreensão das análises, nos capítulos seguintes, além de elaborar um panorama das edificações teatrais do século XIX no Rio Grande do Sul que ainda se preservam - unindo informações sobre esses patrimônios em um único lugar -, apresenta-se um breve histórico de cada objeto de estudo. Como já mencionado, alguns apresentam referências que aprofundam mais as histórias e as análises, as mais indicadas estão ao final de cada subcapítulo como nota de rodapé.

## 2.1 Teatro Sete de Abril - Pelotas/RS

Figura 05 e 06 - Fachada do Teatro Sete de Abril



Fonte: Arquivo Nacional e <http://soleassociados.com.br/projetos/theatro-sete-de-abril/>

A criação do Teatro Sete de Abril na cidade de Pelotas ocorreu no período pós-independência do país, em 1822, seguido pela abdicação de Dom Pedro I em favor de seu filho em 1831. Durante o período de 1812 a 1835, Pelotas progrediu de freguesia para vila e finalmente para cidade.

A Sociedade Scenica Theatro Sete de Abril foi fundada em 1831, homenageando a data em que Dom Pedro I abdicou em favor de seu filho. Essa sociedade surgiu da necessidade da população de Vila de São Francisco de Paula, impulsionada pelo crescimento cultural e econômico decorrente da produção de charque. Inicialmente, funcionou no "Teatrinho", localizado em um armazém cedido por Domingos José de Almeida, nas ruas Vitorino e Três de Fevereiro, atuando provisoriamente como o primeiro Teatro Pelotense.

A Sociedade foi estabelecida por meio da venda de títulos acionários, que permitiram a aquisição de um terreno em frente à Praça do Teatro, atual Praça Coronel Pedro Osório. Seus fundadores foram os charqueadores mais prósperos da Província, como Domingos José de Almeida, Antonio Gonçalves Chaves, José Vieira Viana, João Simões Lopes e Joaquim José de Assumpção. O teatro possuía 61 camarotes e 233 cadeiras, com capacidade para 500 pessoas.

Conforme as atas da primeira reunião em 1834, as obras do novo prédio foram concluídas após a fundação em 1833. Em 1835, o Teatro Sete de Abril serviu como alojamento para soldados durante a Guerra dos Farrapos. Após o término da guerra, em 1845, o teatro retomou suas atividades artísticas.

O Teatro Sete de Abril foi palco de diversas apresentações de renomados artistas nacionais e internacionais ao longo de sua história. Em 1846, recebeu a visita de D. Pedro II.

Ao longo dos anos, o teatro passou por várias intervenções, incluindo mudanças na fachada em 1870 e uma grande intervenção em 1916, vencida pelo arquiteto José Torrieri. Posteriormente, o teatro também foi utilizado para outras atividades, como sessões cívicas, bailes e cinema.

Em 1972, o Teatro Sete de Abril foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pela Fundação Pró-Memória. Desde então, passou por várias intervenções de restauração, incluindo uma em 1983, liderada pela arquiteta Marta Amaral.

Nos últimos anos, o teatro passou por problemas estruturais que levaram à sua interdição em 2010. Atualmente, está em andamento um projeto de restauração sob a coordenação do arquiteto Fábio Caetano e da engenheira Gisela Frattini, financiado pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) das Cidades Históricas. No entanto, uma intervenção no telhado causou descaracterização do desenho original do prédio, em desacordo com as normas de preservação estabelecidas.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Para mais informações: [https://visite.pelotaturismo.com.br/visit/show/Teatro\\_Sete\\_de\\_Abril](https://visite.pelotaturismo.com.br/visit/show/Teatro_Sete_de_Abril) e [https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2013/LA\\_00113.pdf](https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2013/LA_00113.pdf)

## 2.2 Teatro União - Triunfo/RS

Figura 07 - Fachada do Teatro União



Fonte: <https://www.triunfo.rs.gov.br/turismo/view/5/teatro-uniao>

O Teatro União foi erguido no município de Triunfo em 1848 sob a liderança do deputado Luiz José Ribeiro Barreto. Originalmente concebido como um espaço para eventos culturais e artísticos, o teatro passou por diversas transformações ao longo dos anos, refletindo não apenas a evolução de suas funções, mas também as mudanças na própria comunidade.

Internamente, o teatro foi projetado para acomodar confortavelmente até 400 pessoas, distribuídas em camarotes ao redor da plateia. As primeiras representações dramáticas ocorreram logo após a inauguração, com nomes como Luiz José Ribeiro Barreto e Severino Cunha entre os participantes. Ao longo dos anos, o teatro foi palco de várias peças teatrais, além de ter sido adaptado para projeções cinematográficas a partir de 1914.

As intervenções arquitetônicas ao longo do tempo, como a adição de camarins, sanitários e a incorporação de um prédio contíguo, refletiram as necessidades em constante evolução do teatro e da comunidade. Em 1910, o Grêmio Dramático Damasceno Vieira trouxe uma nova onda de atividades culturais para o espaço, reafirmando sua importância como um centro de educação social e artística.

Ao longo das décadas, o Teatro União presenciou diversas mudanças em sua estrutura física, incluindo reformas no telhado, na fachada e nas instalações internas. Em 1980, uma significativa intervenção ocorreu, com reforços nas paredes

originais e a implementação de novas tecnologias para garantir a preservação do edifício histórico.

Apesar das transformações, o Teatro União manteve sua essência como um marco cultural na cidade de Triunfo, RS. Sua arquitetura única e sua rica história continuam a atrair visitantes e artistas, garantindo que seu legado perdure por muitas gerações.<sup>7</sup>

### 2.3 Theatro São Pedro - Porto Alegre/RS

Figura 08 e 09 - Fachada do Theatro São Pedro



Fonte:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Theatro\\_S%C3%A3o\\_Pedro\\_\(Porto\\_Alegre\)#/media/Ficheiro:TSPedro-PortoAlegre.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Theatro_S%C3%A3o_Pedro_(Porto_Alegre)#/media/Ficheiro:TSPedro-PortoAlegre.jpg) e

<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=16116>

O Theatro São Pedro, localizado ao centro de Porto Alegre, ergue-se como testemunha privilegiada dos séculos de história da cidade. Seu legado remonta a 1833, quando Manuel Antônio Galvão, então presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, doou o terreno na Praça da Matriz para sua construção. As obras iniciaram-se nesse mesmo ano, mas foram interrompidas devido aos conflitos da Revolução Farroupilha em 1835. Após décadas de espera, em 1850, um novo projeto arquitetônico, elaborado por Phillip von Normann, foi adotado, e finalmente, em 27 de junho de 1858, o Theatro São Pedro abriu suas portas sob a presidência de Angelo Moniz da Silveira Ferraz, o Barão de Uruguaiana.

Inicialmente concebido para ser um espaço dedicado a óperas e orquestras de câmara, o Theatro São Pedro rapidamente se estabeleceu como o epicentro da vida cultural da cidade. As primeiras décadas de sua existência foram marcadas por

<sup>7</sup> Para mais informações: <https://teatrodetriunfo.blogspot.com/?m=1>

apresentações de renome nacional e internacional, que encantavam públicos de diversas classes sociais. Em 1904, uma reforma significativa modernizou suas instalações, introduzindo avanços tecnológicos que acompanhavam os tempos.

No decorrer do século XX, o Theatro São Pedro enfrentou desafios e transformações. Durante a II Guerra Mundial, adaptou-se como local para cursos de enfermagem, enquanto continuava a receber espetáculos que proporcionavam uma pausa na realidade sombria do conflito. Em 1949, um incêndio vizinho alterou a paisagem urbana ao redor do teatro, destacando sua importância como um marco arquitetônico na cidade.

Nos anos 1970, o Theatro São Pedro enfrentou um período de declínio, marcado pela falta de manutenção e infraestrutura precária. Em 1973, um incidente durante um concerto levou ao fechamento temporário do teatro, evidenciando a urgência de restauração. Foi somente em 1975 que obras de recuperação e restauração foram iniciadas, culminando na reabertura do teatro em 1984, após nove anos de esforços para preservar sua herança cultural.

As intervenções não apenas restauraram o esplendor original do Theatro São Pedro, mas também introduziram melhorias e expansões. Sob a direção dos arquitetos Carlos Antônio Mancuso e Antônio Carlos Castro, o teatro foi modernizado, mantendo sua identidade histórica. Em 1985, a Associação Amigos do Theatro São Pedro foi criada para apoiar financeiramente as atividades culturais da Fundação Estadual responsável pela administração do teatro, demonstrando o compromisso da comunidade em preservar esse patrimônio.

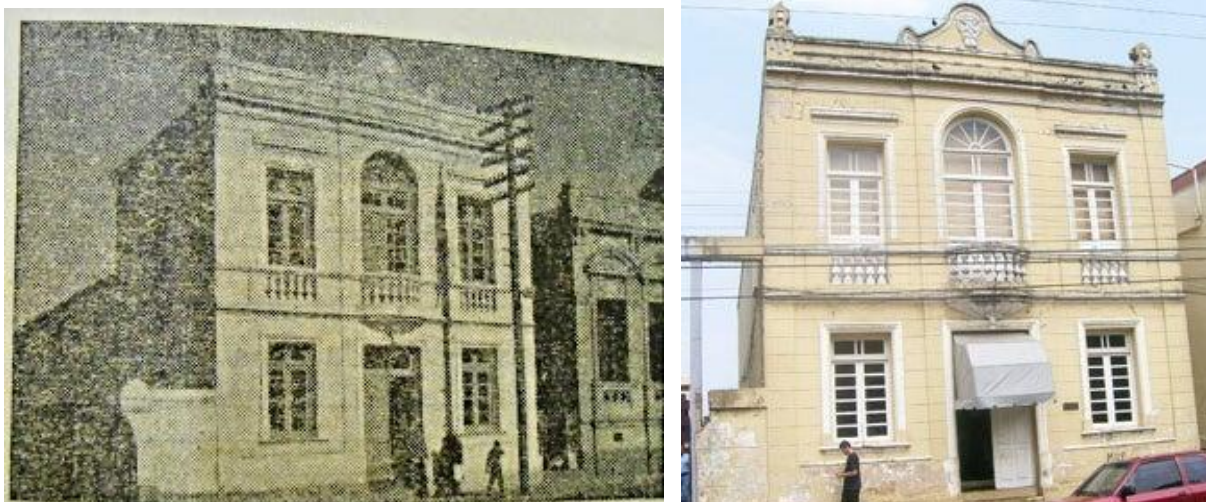
Hoje, o Theatro São Pedro continua a desempenhar um papel vital na cena cultural de Porto Alegre, abraçando uma missão de encantar, divertir e emocionar o público com uma programação diversificada. Ao mesmo tempo em que honra sua história centenária, o teatro mira o futuro com a conclusão do Multipalco São Pedro, expandindo suas instalações para se tornar um centro de referência das artes de palco na América Latina.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Para mais informações: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/handle/11690/1746>

## 2.4 Teatro Múcio de Castro - Passo Fundo/RS

Figura 10 e 11 - Fachada do Teatro Múcio de Castro



Fonte:

<https://sites.google.com/view/secretaria-de-cultura-pf/esp%C3%A7o-roseli-doleski-preto/teatro-municipal-m%C3%B3cio-de-castro> e

<https://pt.foursquare.com/v/teatro-municipal-m%C3%B3cio-de-castro/4fcc01f3e4b09ba63c267db9>

O Teatro Múcio de Castro, um marco histórico e cultural de Passo Fundo, tem suas raízes profundas entrelaçadas com a própria história da cidade. Erguido em 1883, inicialmente como sede do Clube Dramático Passo-Fundense, o prédio testemunhou diversas transformações ao longo dos anos.

Serviu como local de ensino, sediou o Poder Judiciário e abrigou o jornal O Gaúcho. Nas décadas de 1940 a 1977, foi a casa do Poder Legislativo Municipal. Em meados da década de 1990, passou por uma significativa readequação, transformando-se em um teatro municipal.

Sob a gestão da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Passo Fundo, o Teatro Múcio de Castro foi reinaugurado em maio de 2015 após uma restauração que durou 14 meses, custeada com recursos próprios do município. O projeto preservou a estrutura original do edifício, enquanto modernizava suas instalações para atender às necessidades contemporâneas.

Com sua reabertura, o teatro continua a desempenhar um papel crucial na vida cultural da cidade, proporcionando um espaço para uma variedade de espetáculos, incluindo teatro, dança e música. Dotado de 164 lugares, oferece também estrutura de iluminação e sonorização, camarins, climatização e acessibilidade facilitada, tornando-se um ponto de encontro para artistas e espectadores de toda a região. Reconhecido como patrimônio histórico de Passo

Fundo, o Teatro Múcio de Castro é um símbolo do compromisso da cidade com a preservação de sua herança cultural.

## 2.5 Theatro Prezewodowski - Itaqui/RS

Figura 12 e 13 - Fachada do Theatro Prezewodowski



Fonte: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=257213> e [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Teatro\\_Prezewodowski](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Teatro_Prezewodowski)

O Theatro Prezewodowski, em Itaqui/RS, erguido em 1883, representa um marco histórico e arquitetônico na região. Com uma fachada imponente de 15 metros de frente, o prédio foi uma homenagem ao capitão-tenente Estanislau Prezewodowski, da Marinha Brasileira, que serviu na cidade entre 1872-74.

Inicialmente concebido como um espaço versátil, o teatro não apenas abrigava apresentações líricas de renome internacional, mas também sediava bailes, destacando-se pela inovação da plateia móvel, que permitia ajustes para diferentes eventos. No entanto, esse mecanismo não perdura mais.

Ao longo dos anos, o Theatro Prezewodowski testemunhou diversas transformações. Funcionou como teatro, salão de baile e cinema, até ser fechado em 1964 devido ao estado precário de conservação.

Em 1986, o Theatro Prezewodowski foi oficialmente tombado pelo IPHAE, destacando sua importância cultural e arquitetônica para a região. Sua localização estratégica na praça Marechal Deodoro da Fonseca, em frente à Rua Bento Gonçalves, ressalta seu papel como um centro cultural de destaque em Itaqui.

A edificação, de propriedade municipal desde 1942, passou por múltiplas intervenções ao longo do tempo. Em 1983, uma ampla reforma foi empreendida,

restaurando não apenas a estrutura interna, mas também revitalizando a fachada com cuidados especiais. A capacidade atual do teatro é de 218 lugares.

Apesar dos desafios enfrentados ao longo dos anos, o Theatro Prezewoodski continua a ser um ponto focal da comunidade itaquense, mantendo uma agenda cultural diversificada, que inclui espetáculos teatrais, balés, eventos musicais e palestras, preservando assim sua rica herança histórica e arquitetônica.<sup>9</sup>

## 2.6 Teatro Politeama Esperança - Jaguarão/RS

Figura 14 e 15 - Fachada do Teatro Politeama Esperança



Fonte:

<https://www.ipatrimonio.org/jaguarao-teatro-politeama-esperanca/#!/map=38329&loc=-32.5644070000002,-53.378073000000015,17> e

<https://eventos.unipampa.edu.br/enprocult/local/jaguarao/>

O Teatro Esperança, marco histórico de Jaguarão, teve sua história entrelaçada com os eventos culturais e políticos da cidade ao longo dos anos. Sua trajetória teve início em 13 de janeiro de 1898, quando foi inaugurado com a apresentação da Companhia Lírica e de Operetas Cartocci. No entanto, registros indicam que a construção começou a ser planejada anos antes, com a constituição da Associação do Theatro Polyteama Esperança em 1896, liderada por figuras proeminentes da comunidade, como o Dr. Carlos Barbosa Gonçalves e o Coronel Joaquim Francisco dos Santos Abreu.

Construído então com o objetivo de atender às demandas culturais e artísticas da cidade, o Polytheama era uma estrutura versátil, capaz de receber diversos gêneros de espetáculos, desde óperas líricas até peças teatrais e apresentações circenses. Ao longo dos anos, o Polytheama testemunhou diversas

<sup>9</sup> Para mais informações: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/18341>

transformações e adaptações, refletindo as mudanças no cenário cultural e social da cidade. Desde a realização de touradas em seus primeiros anos de funcionamento até sua posterior utilização como cinema na segunda metade do século XX, todavia, o teatro manteve-se como um marco arquitetônico e cultural de Jaguarão, mesmo diante dos desafios enfrentados em relação à conservação e restauração de suas instalações. Por exemplo, no período, a ascensão do cinema desafiou a hegemonia teatral do espaço, levando à sua adaptação para exposições cinematográficas, primeiro com filmes mudos e mais tarde com filmes falados.

O envolvimento político também marcou a história do teatro, como evidenciado pela participação do Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, um dos fundadores do teatro, que posteriormente se tornou presidente do estado do Rio Grande do Sul entre 1908 e 1913. Além disso, a construção da Ponte Internacional Mauá na década de 1930 trouxe um influxo de trabalhadores para a cidade, mantendo-a como um centro importante na região.

Ao longo das décadas seguintes, o Teatro Esperança passou por altos e baixos, enfrentando períodos de abandono e tentativas de restauração. Em 1990, o prédio foi tombado pelo IPHAE como patrimônio histórico, mas esforços para sua restauração foram interrompidos por desafios burocráticos e financeiros. No entanto, em 2015, após anos de espera e esforços da comunidade, o Teatro Esperança foi reaberto, retomando seu papel vital na vida cultural de Jaguarão.

Sendo assim, apesar das dificuldades enfrentadas ao longo de sua história, incluindo períodos de abandono e deterioração, o Polytheama permanece como um símbolo da rica herança cultural e arquitetônica da cidade. Este importante marco histórico não apenas testemunhou os eventos que moldaram a cidade ao longo dos anos, mas também continua a desempenhar um papel ativo na comunidade, proporcionando um espaço para a expressão cultural e artística até os dias atuais.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Para mais informações:

<https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/historia/files/2014/05/TCC-Nos-Julgamos-Carlos-O-P-da-Cunha.pdf> e <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5433>

## 2.7 Theatro Treze de Maio - Santa Maria/RS

Figura 16 e 17 - Fachada do Theatro Treze de Maio



Fonte: <http://cinemania66.blogspot.com/2012/07/teatro-treze-da-maio-santa-mariars.html> e [https://cartografiadospalcos.com.br/espaco\\_theatro-treze-de-maio\\_1287#espaco](https://cartografiadospalcos.com.br/espaco_theatro-treze-de-maio_1287#espaco)

O Theatro Treze de Maio, erguido em Santa Maria, Rio Grande do Sul, é mais do que um mero edifício. Com seus 2.120 metros quadrados de área construída, o teatro representa um ponto focal do rico panorama cultural da cidade desde sua inauguração no início de 1890.

O sonho de um teatro próprio começou a ganhar forma em 1888, quando o farmacêutico e empresário João Daudt Filho propôs a ideia à sociedade santa-mariense. Sob sua liderança, a Sociedade 13 de Maio foi formada em uma assembleia na Câmara Municipal, arrecadando fundos para a construção do teatro. Com a expertise arquitetônica de Julius Weise e a colaboração do construtor Cesar Daccorso, o projeto inicial refletia elementos neoclássicos, uma estética que ainda é visível hoje.

Desde sua fundação, o Theatro Treze de Maio foi muito mais do que um espaço para espetáculos. Seu interior meticulosamente decorado, com camarins e salas administrativas, refletia o glamour e a elegância dos teatros da época. A capacidade para 335 pessoas proporcionava um ambiente íntimo e acolhedor para os espectadores, enquanto o fosso para orquestra e o nível de serviço de palco demonstravam a preocupação com detalhes técnicos e artísticos.

No entanto, ao longo dos anos, o teatro passou por várias transformações. Após décadas de atividade cultural intensa, o prédio viu-se ocupado por diferentes

empreendimentos, desde jornais a bibliotecas, refletindo as mudanças sociais e estruturais da cidade.

Em 1992, um esforço de restauração monumental foi iniciado, visando restaurar o Theatro Treze de Maio à sua antiga glória. Sob a liderança da Associação dos Amigos do Theatro Treze de Maio, a comunidade se uniu em um esforço conjunto para revitalizar o teatro. Com a conclusão das obras em 1997, o Theatro Treze de Maio reabriu suas portas, marcando um novo capítulo em sua história centenária.

Hoje, o Theatro Treze de Maio continua a ser um ponto de encontro cultural para a comunidade de Santa Maria e além. Sua importância histórica e arquitetônica é celebrada e preservada, garantindo que as futuras gerações possam desfrutar da riqueza cultural que este edifício icônico tem para oferecer.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Para mais informações: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/view/819> e <https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/4040834>

### **3 ANÁLISE ARQUITETÔNICA**

Neste capítulo, será realizada a análise arquitetônica dos sete objetos de estudo selecionados e apresentados no capítulo anterior. Desta forma, no primeiro subcapítulo, é conduzida uma análise e classificação a partir da planta dos teatros, examinando o palco, a plateia e a relação desses espaços com os espectadores, compreendendo os reflexos dessa interação na forma arquitetônica. Além disso, no segundo subcapítulo, inicialmente é apresentada a metodologia adotada para a classificação das fachadas. Em seguida, procede-se à classificação dos objetos através da elaboração de desenhos das fachadas em escala gráfica e de uma análise dos elementos ornamentais nelas presentes. Realiza-se, assim, uma leitura de cada fachada para classificá-la dentro da metodologia adotada.

#### **3.1 Palco e plateia**

Argan (1963) compreende o "tipo" na arquitetura como um conceito que se desenvolve a partir de uma série de construções que compartilham semelhanças formais e funcionais. Ele destaca que o "tipo" não é formulado a priori, mas é uma dedução a partir de uma série de casos ilustrativos. A formação do "tipo" envolve a comparação e justaposição de formas individuais, eliminando características particulares e mantendo aquelas comuns a todas as unidades da série.

O processo de criação do "tipo" não é apenas estatístico ou classificatório, mas tem propósitos formais definidos. Argan destaca que as séries tipológicas não se baseiam nas funções físicas, mas na configuração das construções. Os "tipos" históricos focalizam problemas fundamentais e permanentes, considerados essenciais para uma determinada sociedade.

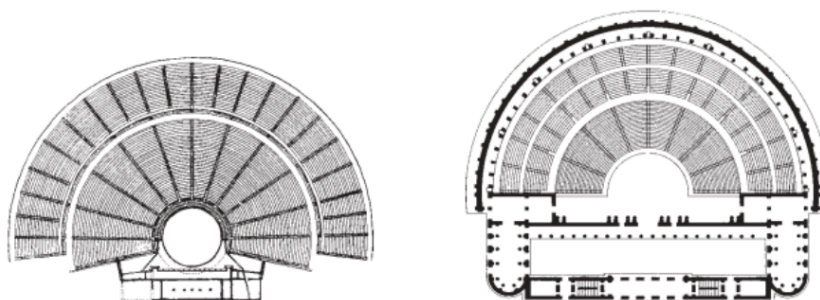
A tipologia arquitetônica, segundo Argan, pode ser classificada em três categorias gerais: configuração completa de construções, elementos estruturais básicos e elementos decorativos. Ele destaca que, mesmo que o arquiteto escolha conscientemente seguir ou não um "tipo", todo projeto arquitetônico contém esse aspecto tipológico. Ademais, Argan aborda a questão do valor da tipologia na arquitetura, argumentando que o aspecto tipológico e inventivo do processo de criação é contínuo e interligado. Ele sugere que o aspecto inventivo é uma resposta

às demandas da situação histórica presente, criticando e superando as soluções do passado sintetizadas no "tipo".

Ao considerar os diferentes tipos de arquiteturas teatrais conhecidos, entende-se que os espaços fundamentais para análise são os palcos e as plateias. Isso ocorre porque a arte cênica se estabelece por meio da interação entre atores e atrizes com o público. Portanto, a análise arquitetônica leva em consideração o fazer cênico, ou seja, para qual finalidade a construção é destinada. Além disso, Voltaire P. Danckwardt (2001), em sua dissertação, empreendeu o estudo do edifício teatral a partir da relação entre palco e plateia, propondo-se a investigar desde os primórdios do teatro no Ocidente como o resultado arquitetônico dos teatros é uma resposta conceitual e espacial a um determinado modo de fazer cênico.

O teatro, como forma de arte, é de criação grega, assim como o edifício destinado a sua representação. Desde essa época o fazer cênico já influenciava a arquitetura, sendo possível até diferenciar a arquitetura dos teatros romanos e gregos de períodos semelhantes através dos gostos de cada grupo. O fazer cênico também já dividiu seu espaço com outros tipos de espetáculos e artes. Na Roma e Grécia, berço da arquitetura teatral no ocidente, o tipo mais comum é o anfiteatro, que também abrigava eventos dedicados a combates, lutas e espetáculos análogos. Formalmente, o anfiteatro é um teatro duplo de planta elíptica, cercado por todos os lados de arquibancadas para os espectadores e, em muitos casos, a céu aberto ou coberturas móveis ou parciais. O espetáculo acontece na parte central ou arena, embaixo da qual existem numerosos corredores, câmaras e escotilhas para a tramoia das apresentações e a saída de feras, gladiadores e atores (PEREIRA, 2010).

Figura 18 e 19 - à esquerda Teatro Grego de Epidauro e à direita teatro romano de Marcelo em Roma.



Fonte: Pereira (2010)

Danckwardt (2001) em sua pesquisa percorre a arquitetura teatral desde seus primórdios, antes mesmo da Grécia e Roma no século V a.C., indo a pesquisa até o ano final de sua publicação, já no século XX. Ademais, apesar de acabar por explicar a origem dos tipos e afirmar que, anterior ao século XX eram poucos os tipos de edifícios teatrais existentes na sociedade, o autor não se propõe a discutir uma classificação e/ou nomenclatura.

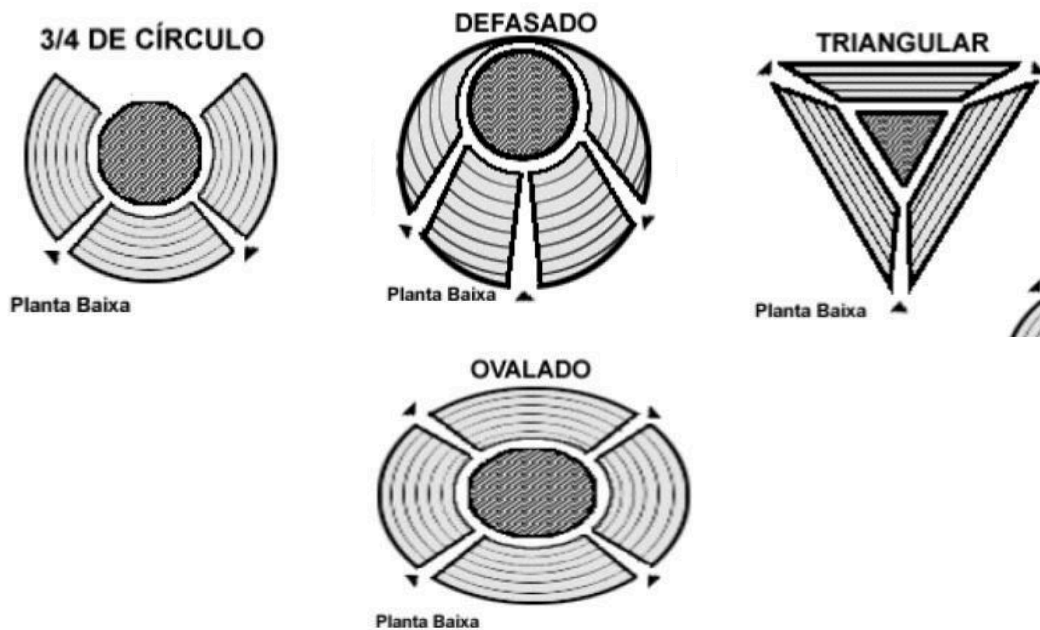
Por outro lado, Martins e Tamanini (2005) classificaram em um de seus artigos o teatro e suas tipologias, as quais, ao final, são condizentes com os exemplos e nomes utilizados por Danckwardt. A partir disso, são caracterizadas principalmente três tipologias de teatro, as quais são encontradas no Brasil especialmente na segunda metade do século XIX. Essas são os teatros de arena, elisabetano e italiano. Tal nomenclatura é encontrada em outros materiais que tratam do assunto, o que a torna até padronizada, embora não se encontrem muitos estudos voltados para essa classificação e nomenclatura especificamente.

Ademais, os autores analisam as tipologias a partir de suas plantas e, também, a relação entre palco e plateia, atores e audiência. As imagens, tipos e variantes que são apresentadas por Martins e Tamanini (2005) foram desenvolvidas inicialmente pela Funarte em 2004.

A partir disso, o teatro de arena tem o palco situado no meio da platéia. Neste tipo, a plateia é disposta em praticamente em todos os lados ou em toda a circunferência do palco. Todos palcos circulares consequentemente serão classificados como de arena, todavia, neste tipo, os palcos ainda podem ser de formatos diferenciados, desde que, estes possuam em todo seu entorno área de plateia. Este tipo apresenta sete variantes, sendo essas: circular, semi-circular, quadrado, 3/4 de círculo, defasado, triangular e ovalado.

Figura 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 27 - Variações do tipo de arena

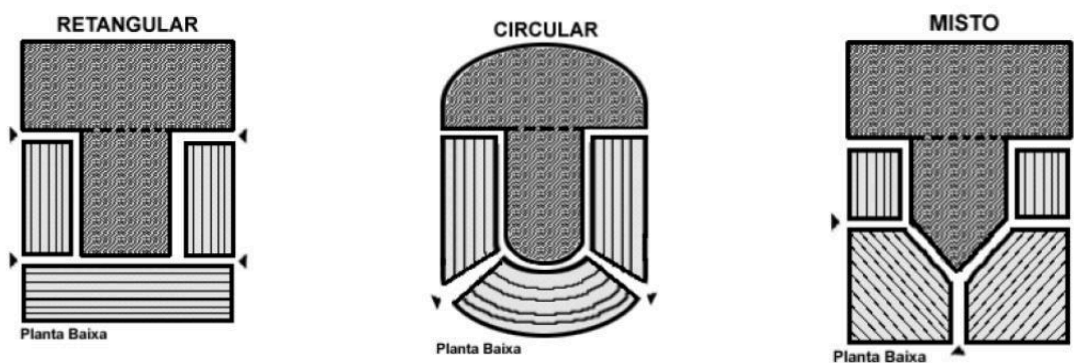




Fonte: Funarte (2004) in Martins e Tamanini (2005).

Já o teatro elisabetano tem como principal característica que uma parte do palco adentre a área da plateia, ou seja, estende-se o proscênio. Como acabamento este pode ser retangular, circular ou misto, o que dá nome às três variantes deste tipo. O público circunda três lados do palco, na maioria das vezes não há presença da boca de cena e de caixa cênica, ficando toda a estrutura da área de cena à vista do espectador, sendo muito utilizado, então, cenários variados, efeitos de iluminação e outros recursos técnicos e operacionais.

Figura 28, 29 e 30 - Variações do tipo elisabetano

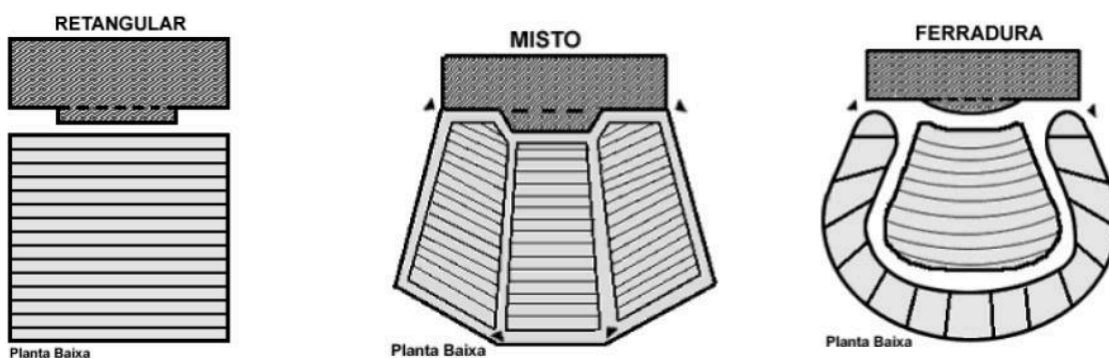


Fonte: Funarte (2004) in Martins e Tamanini (2005)

O terceiro tipo apresentado é o italiano, o mais popular no Brasil. Neste caso o que predomina é a frontalidade com que a plateia assiste ao palco. O palco é um

espaço retangular fechado nos três lados com um quarto lado que fica visível ao público. Nas variantes apresentadas é considerado o palco e a plateia, mas também a boca de cena. Portanto, são essas: retangular, semicircular, ferradura ou misto. É muito presente neste tipo a existência de cortinas que delimitam a boca de cena do palco, a qual fica à frente das cortinas, e a presença de coxias, local em que os atores e atrizes podem se esconder do público.

Figura 31, 32, 33 e 34 - Variações do tipo italiano



Fonte: Funarte (2004) in Martins e Tamanini (2005)

Ambos os trabalhos mencionados acima também identificaram mudanças nas tipologias a partir do século XX. Assim como, ambos trabalhos demonstraram dificuldade em definir um tipo para a arquitetura teatral após os três mencionados, pois é difícil encontrar elementos que se repitam entre as construções voltadas para esse uso nas épocas seguintes, sendo complicado, como compreende Argan (1963), definir um modelo.

Ademais, entender a importância do público e das companhias teatrais, e seus atores e atrizes, para a formação dos tipos, ou seja, de modelos da forma arquitetônica tendo como uso ser um teatro, é também entender a importância da sociedade para a formação urbana. Através disso, pensa-se sobre a preservação desses locais. Como mencionado no primeiro capítulo, tinha-se um grande número de edifícios teatrais no Rio Grande do Sul no século XIX, os quais sofreram com o decorrer do século XX.

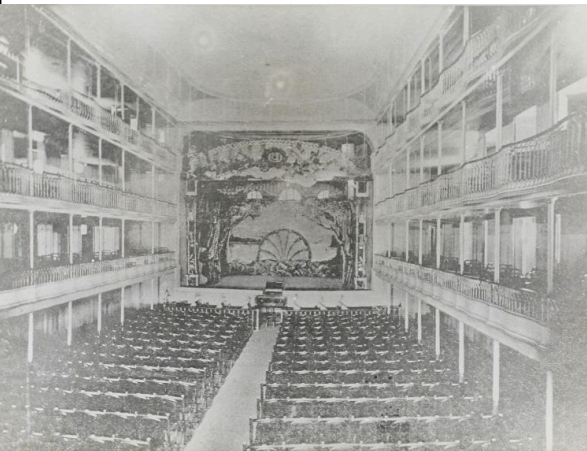
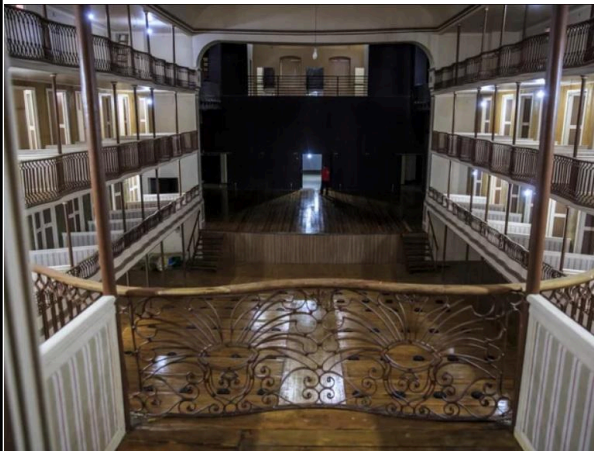
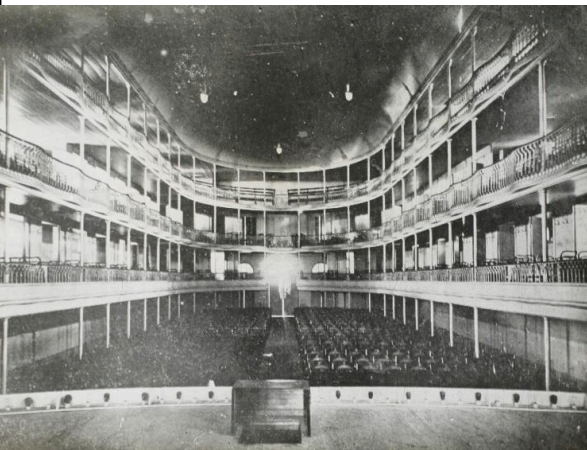

### 3.1.1 Classificação segundo as tipologias de planta

Nesta seção serão classificados os objetos de estudo selecionados através dos tipos e variantes apresentados por Martins e Tamanini (2005), os quais condizem com a concepção geral das tipologias nos estudos da área, conforme discutido no capítulo.



As mesmas foram estudadas através de registros fotográficos dos locais, a fim de buscar encaixá-las nos tipos e variantes apresentados anteriormente. Desse modo, analisou-se iconograficamente as imagens buscando os detalhes que indicassem a planta das edificações, permitindo compreender a disposição de seus palcos e plateias. Essa análise foi necessária, pois não foi possível localizar ou obter acesso a plantas para compará-las mais facilmente com as plantas apresentadas pela Funarte (2004). A seguir, encontra-se a análise dos objetos de estudo a partir do tipo de análise tipológica encontrada em trabalhos como o de Martins e Tamanini (2005).

Os teatros não foram classificados como de arena por não possuírem plateia em torno do palco, nem como elisabetanos por não possuírem nenhum palco que se projetasse para a plateia. Portanto, todos os teatros foram classificados como de tipo italiano. Além disso, a variante mais identificada foi a retangular e a ferradura, as quais foram classificadas a partir da análise das fotografias mais antigas encontradas dos teatros. No entanto, nota-se que o tipo e variante mantiveram-se até a atualidade nos espaços, tentou-se comparar uma foto antiga com uma recente, tanto da vista do palco como da plateia. Os teatros remanescentes concentram-se na segunda metade do século XIX, portanto, tais tipos e variantes poderiam ser os mais solicitados pelo gosto da época, ou se encaixavam no tipo de arte cênica que o público buscava.

## Ficha de classificação 1

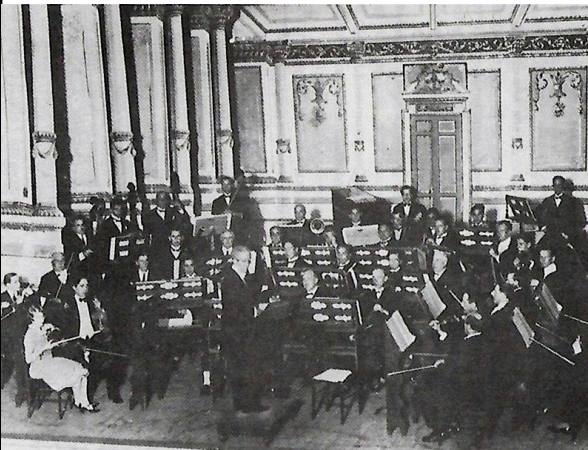



<b>Teatro Sete de Abril</b>	
Localização: Pelotas/ RS	Inauguração: 1834
Tipo: Italiano	Variante: Ferradura
Palco	
	
Figura 1 - Palco antigamente	Figura 2 - Palco atualmente
Plateia	
	
Figura 3 - Plateia antigamente	Figura 4 - Plateia atualmente
Fontes	
<p>Fig. 1  <a href="https://www.rbsdirect.com.br/imagesrc/35730623.jpg?w=700&amp;rv=2-10-05&amp;safari&amp;format=webp">https://www.rbsdirect.com.br/imagesrc/35730623.jpg?w=700&amp;rv=2-10-05&amp;safari&amp;format=webp</a></p> <p>Fig. 2  <a href="https://www.ipatrimonio.org/pelotas-teatro-sete-de-abril/#!/map=38329&amp;loc=-31.769015999999997,-52.340979999999995,17">https://www.ipatrimonio.org/pelotas-teatro-sete-de-abril/#!/map=38329&amp;loc=-31.769015999999997,-52.340979999999995,17</a></p> <p>Fig. 3  <a href="https://www.ipatrimonio.org/pelotas-teatro-sete-de-abril/#!/map=38329&amp;loc=-31.769015999999997,-52.340979999999995,17">https://www.ipatrimonio.org/pelotas-teatro-sete-de-abril/#!/map=38329&amp;loc=-31.769015999999997,-52.340979999999995,17</a></p> <p>Fig. 4 <a href="http://soleassociados.com.br/projetos/theatro-sete-de-abril/">http://soleassociados.com.br/projetos/theatro-sete-de-abril/</a></p>	

## Ficha de classificação 2



<b>Teatro União<sup>12</sup></b>	
Localização: Triunfo/ RS	Inauguração: 1848
Tipo: Italiano	Variante: Retangular
Palco	
	
Figura 1 - Palco atualmente	
Plateia	
	
Figura 2 - Plateia atualmente	
Fontes	
Fig. 1 <a href="https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/cidades/triunfo.html">https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/cidades/triunfo.html</a>	
Fig. 2 <a href="https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/cidades/triunfo.html">https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/cidades/triunfo.html</a>	

<sup>12</sup> Não foram encontradas imagens do interior do teatro antigamente.

### Ficha de classificação 3



<b>Theatro São Pedro</b>	
Localização: Porto Alegre/ RS	Inauguração: 1858
Tipo: Italiano	Variante: Ferradura
Palco	
	
Figura 1 - Palco antigamente	Figura 2 - Palco atualmente
Plateia	
	
Figura 3 - Plateia antigamente	Figura 4 - Plateia atualmente
Fontes	
<p>Fig. 1  <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Theatro_S%C3%A3o_Pedro_%28Porto_Alegre%29#/media/Ficheiro:Concerto_no_Theatro_S%C3%A3o_Pedro_1928.jpg">https://pt.wikipedia.org/wiki/Theatro_S%C3%A3o_Pedro_%28Porto_Alegre%29#/media/Ficheiro:Concerto_no_Theatro_S%C3%A3o_Pedro_1928.jpg</a></p> <p>Fig. 2            Leandro Rodrigues</p> <p>Fig. 3  <a href="https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/espetaculos/noticia/2018/06/como-o-theatro-sao-pedro-sobreviveu-a-160-anos-de-historia-no-rio-grande-do-sul-cjioy0nkw0idf01qoogsdnzpk.html">https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/espetaculos/noticia/2018/06/como-o-theatro-sao-pedro-sobreviveu-a-160-anos-de-historia-no-rio-grande-do-sul-cjioy0nkw0idf01qoogsdnzpk.html</a></p> <p>Fig. 4  <a href="https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/espetaculos/noticia/2020/06/theatro-sao-pedro-o-im-passe-entre-associacao-e-fundacao-ckaww5f6g00g5015nzt13pa2.html">https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/espetaculos/noticia/2020/06/theatro-sao-pedro-o-im-passe-entre-associacao-e-fundacao-ckaww5f6g00g5015nzt13pa2.html</a></p>	

### Ficha de classificação 4

<b>Teatro Múcio de Castro<sup>13</sup></b>	
Localização: Passo Fundo/ RS	Inauguração: 1883
Tipo: Italiano	Variante: Retangular
Palco	
	
Figura 1 - Palco atualmente	
Plateia	
	
Figura 2 - Plateia atualmente	
Fontes	
Fig. 1 <a href="https://cartografiadospalcos.com.br/espaco_teatro-municipal-mucio-de-castro_1312#espaco">https://cartografiadospalcos.com.br/espaco_teatro-municipal-mucio-de-castro_1312#espaco</a> Fig. 2 <a href="https://cartografiadospalcos.com.br/espaco_teatro-municipal-mucio-de-castro_1312#espaco">https://cartografiadospalcos.com.br/espaco_teatro-municipal-mucio-de-castro_1312#espaco</a>	

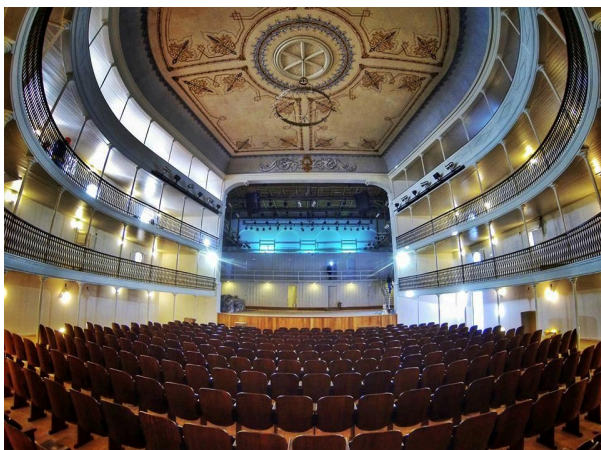


<sup>13</sup> Não foram encontradas imagens do interior do teatro antigamente.

### Ficha de classificação 5

<b>Theatro Prezewoodski<sup>14</sup></b>	
Localização: Itaqui/ RS	Inauguração: 1886
Tipo: Italiano	Variante: Retangular
Palco	
	
Figura 1 - Palco atualmente	
Plateia	
	
Figura 2 - Plateia atualmente	
Fontes	
Fig. 1 <a href="https://www.cartografiadospalcos.com.br/espaco_theatro-prezewodowski-_1289#espaco">https://www.cartografiadospalcos.com.br/espaco_theatro-prezewodowski-_1289#espaco</a>	
Fig. 2 <a href="https://www.cartografiadospalcos.com.br/espaco_theatro-prezewodowski-_1289#espaco">https://www.cartografiadospalcos.com.br/espaco_theatro-prezewodowski-_1289#espaco</a>	



<sup>14</sup> Não foram encontradas imagens do interior do teatro antigamente.

## Ficha de classificação 6

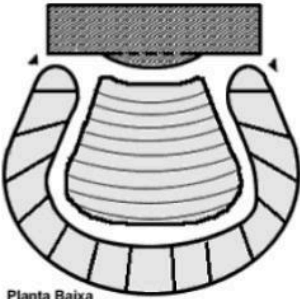
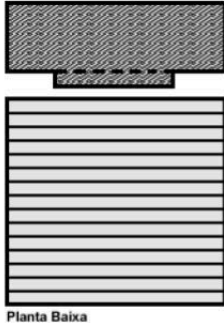
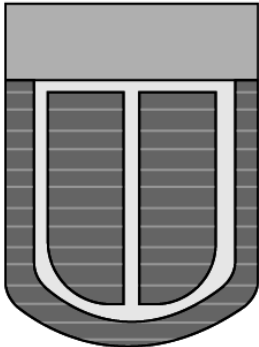
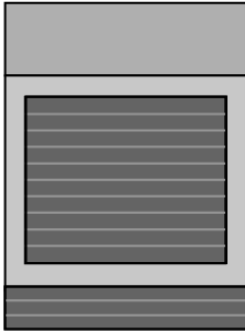
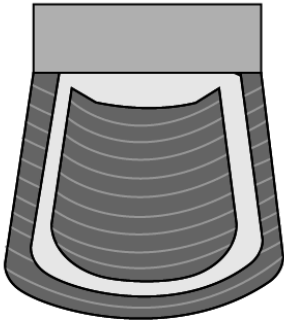
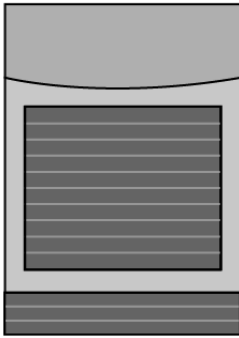
<b>Teatro Politeama Esperança<sup>15</sup></b>	
Localização: Jaguarão/ RS	Inauguração: 1887
Tipo: Italiano	Variante: Ferradura
Palco	
	
Figura 1 - Palco atualmente	
Plateia	
	
Figura 2 - Plateia antigamente	Figura 3 - Plateia atualmente
Fontes	
<p>Fig. 1 <a href="http://marsou.com.br/portfolio/teatro-esperanca-de-jaguarao-rs-2/">http://marsou.com.br/portfolio/teatro-esperanca-de-jaguarao-rs-2/</a>  Fig. 2 O Teatro Esperança no processo das políticas públicas para o patrimônio na cidade de Jaguarão - RS  Fig. 3 Fonte:<a href="http://marsou.com.br/portfolio/teatro-esperanca-de-jaguarao-rs-2/">http://marsou.com.br/portfolio/teatro-esperanca-de-jaguarao-rs-2/</a></p>	

<sup>15</sup> Não foram encontradas imagens antigas do palco do teatro.

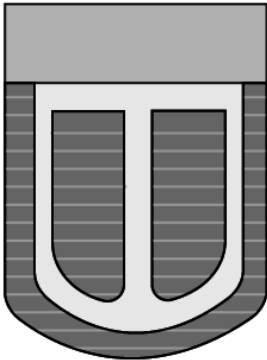
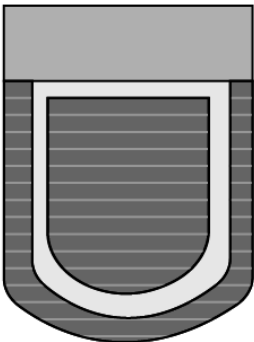
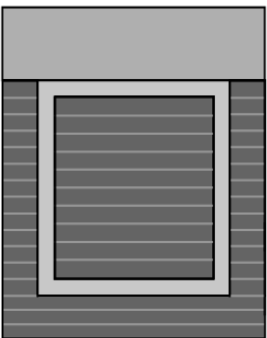
### Ficha de classificação 7

<b>Theatro Treze de Maio<sup>16</sup></b>	
Localização: Santa Maria/ RS	Inauguração: 1890
Tipo: Italiano	Variante: Ferradura
Palco	
	
Figura 1 - Palco atualmente	
Plateia	
	
Figura 2 - Plateia atualmente	
Fontes	
<p>Fig. 1  <a href="https://www.apontador.com.br/local/rs/santa_maria/arte_e_cultura/C416220041265Z2656/theatro_treze_de_maio.html">https://www.apontador.com.br/local/rs/santa_maria/arte_e_cultura/C416220041265Z2656/theatro_treze_de_maio.html</a></p> <p>Fig. 2  <a href="https://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/553-theatro-treze-de-maio">https://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/553-theatro-treze-de-maio</a></p>	

<sup>16</sup>Não foram encontradas imagens do interior do teatro antigamente.

Tipologia palco/plateia	
Italiano com variante ferradura <sup>17</sup>	Italiano com variante retangular
 <p>Planta Baixa</p>	 <p>Planta Baixa</p>
<p>Teatro Sete de Abril - Pelotas/RS</p> 	<p>Teatro União - Triunfo/RS</p> 
<p>Theatro São Pedro - Porto Alegre/RS</p> 	<p>Teatro Múcio de Castro - Passo Fundo/RS</p> 

<sup>17</sup> Ressalta-se que apesar da representação dos autores do prosccênio ser de forma arqueada nesta tipologia, a principal relação que caracteriza os tipos é a forma que a plateia enxerga o palco, desse modo, não levou-se em consideração a forma do prosccênio para catalogar os teatros, mas a relação e forma que a plateia se relaciona com o palco. Ademais, o único teatro que não possui prosccênio reto é o Múcio de Castro, o qual é levemente arqueado, não chegando a formar um arco pleno.

Tipologia palco/plateia	
Italiano com variante ferradura	Italiano com variante retangular
<p>Theatro Prezewodowski - Itaqui/RS</p> 	
<p>Teatro Politeama Esperança - Jaguarão/RS</p> 	
<p>Theatro Treze de Maio - Santa Maria/RS<sup>18</sup></p> 	

<sup>18</sup> Apesar do formato do teatro ser retangular diferente da tipologia apresentada pelos autores Martins e Tamanini (2005), compreendeu-se que na tipologia retangular a plateia fica inteiramente à frente do palco, vendo as apresentações de forma totalmente frontal, enquanto no teatro ferradura existe a presença de galeria e/ou camarotes no entorno, de modo que o público veja o palco também na diagonal, portanto, optou-se por catalogar o Theatro Treze de Maio como de variante ferradura.

### 3.2 Fachadas

Segundo Pereira (2010), a revolução científica e a ascensão do conhecimento científico no século XVIII desencadearam uma ruptura com a tradição clássica na arquitetura, levando a uma revisão dos conceitos e a uma busca por uma linguagem arquitetônica mais autêntica e expressiva.

No início do século XIX, ocorreu uma crise nos fundamentos da linguagem arquitetônica, onde as regras clássicas foram questionadas e perderam seu valor absoluto. Isso resultou em um fenômeno conhecido como neoclassicismo, que se manifestou de maneiras revolucionárias, acadêmicas e românticas. O classicismo, anteriormente considerado universal, foi visto como uma convenção variável e revogável.

Durante este período, surgiram importantes figuras como Antoine-Chrysostôme Quatremère de Quincy, que desenvolveram ideias sobre tipologia e modelo na arquitetura. A tipologia tornou-se uma ferramenta crucial para classificar edifícios de acordo com seu programa funcional, levando a uma diversificação e complexidade na concepção arquitetônica.

Jean-Nicolas-Louis Durand propôs uma abordagem metodológica pragmática e utilitária para a arquitetura, enfatizando a importância da conveniência e economia na composição arquitetônica. Sua teoria da composição baseava-se na decomposição dos elementos arquitetônicos e em uma abordagem combinatória para criar soluções formais.

Ademais, ainda segundo o autor, o século XIX também foi marcado pelo historicismo na arquitetura, onde houve uma apropriação de estilos arquitetônicos de diferentes períodos históricos. Isso resultou em revivals neoclássicos, neogóticos, neorromânicos, entre outros, refletindo uma cultura historicista e uma concepção ideológica da arquitetura.

O ecletismo emergiu como uma tendência arquitetônica dominante, caracterizada pela combinação livre de diferentes estilos históricos em uma mesma obra. Isso levou a uma multiplicidade de formas e linguagens arquitetônicas, desafiando a noção de unidade estilística e permitindo uma expressão arquitetônica mais diversificada.

A obra emblemática desse ecletismo do século XIX é a Ópera de Paris (1861-1875), arquitetura-espetáculo de Charles Garnier. O

edifício combina um marco para a ópera com um marco para a exibição social, de forma que a sala ocupa somente dez por cento da superfície do edifício, enquanto os espaços de convívio e exibição (os salões e foyers, e, sobretudo, a escada principal) predominam física e simbolicamente sobre o conjunto, alcançando níveis de teatralidade verdadeiramente barrocos, expressos formalmente em uma linguagem que, em palavras do próprio arquiteto, “não corresponde a nenhum dos estilos antigos conhecidos: é um estilo novo, o estilo Napoleão III (PEREIRA, 2010, p. 199-200)

No Brasil, a cidade industrial do final do século XIX refletiu em mudanças na arquitetura, com um crescimento demográfico significativo e uma nova paisagem urbana dominada por edifícios públicos ecléticos e representativos. As exposições universais, como a de Paris em 1889, foram marcos importantes desse período, destacando o apogeu do ecletismo e os fundamentos da crise do século XIX.

Em resumo, o século XIX foi um período de grande diversidade e mudança na arquitetura, caracterizado pela busca por uma linguagem arquitetônica autêntica, o desenvolvimento de teorias tipológicas e metodológicas, o surgimento do historicismo e do ecletismo, e a transformação da paisagem urbana devido à industrialização e ao crescimento populacional. Tais situações aconteceram de modo muito semelhante no Rio Grande do Sul, porém de forma tardia em relação à Europa.

No extremo oposto do construtor primitivo está o mestre moderno de arquitetura, ele sente a necessidade de ser original. Ele poderá, se quiser, selecionar e combinar a partir dos inúmeros estilos oferecidos pelas cultura do mundo, passadas e presentes, É quase ilimitada a gama de meios técnicos que ele tem a sua disposição para realizar sua obra final. Encarregado de um projeto, o arquiteto-chefe deve conceber em sua mente e no papel uma série de formas arquitetônicas; todas contribuem para a finalidade do projeto [...]. Este contraste entre o construtor primitivo e o arquiteto moderno é, certamente um exagero: o primeiro não está totalmente preso ao costume e o segundo não tem uma escolha ilimitada. [...]. (TUAN, 1930, p. 115-116)

O autor, apesar de não ter uma resposta clara para o dilema, compreende que construções feitas pelas pessoas, descritas muitas vezes como processos naturais, sem auxílio de uma mente pensante, é um engano. Pois, ao final, durante a vida, qualquer pessoa escolhe e toma decisões, mesmo que inconscientemente para eles, fazendo com que ao longo do tempo diferentes elementos, edifícios e ornatos fossem preservados. Lima (2008) discute a importância dos ornamentos na arquitetura eclética das primeiras décadas do século XX no Brasil, destacando o trânsito desses elementos ornamentais e seu impacto na produção arquitetônica e

no gosto do consumidor. Inicialmente, ela apresenta um panorama historiográfico que analisa a produção editorial relacionada ao ornamento na Europa e sua circulação no Brasil. Todavia,

[...] a sociedade moderna é cada vez mais letrada o que significa que depende cada vez menos dos objetos materiais e do meio ambiente físico para corporificar o valor e o sentido de uma cultura: os símbolos verbais tem progressivamente deslocado os símbolos materiais, e os livros instruem mais do que os prédios. (TUAN, 1930, p. 130)

Porém, na época estudada, isso não era uma realidade tão disseminada. Atualmente, os próprios símbolos têm perdido muito de seu poder de reverberar na mente e no sentimento, pois neste mundo, os símbolos tendem a se tornar indistinguíveis dos sinais. Certamente podemos pensar em outros valores, mas uma característica do símbolo vivo é que ele não requer explicação.

Dada a não necessidade de preservação desses símbolos nos ornatos das fachadas e a necessidade da época de enquadrar edificações, muitas edificações foram descaracterizadas por esses “pequenos” elementos mudados ou retirados. Ginzburg (1989) fala da importância dos significados ligados aos sinais, ícones e símbolos em um de seus livros, e de como essa leitura minuciosa de pequenos objetos pode contar uma grande história se bem analisados e compreendidos, especialmente dentro do contexto em que foram executados.

Os ornamentos desempenharam diversas funções na arquitetura, desde a valorização estética dos objetos industriais até a conferência de cunho artístico e elegância aos produtos manufaturados em larga escala. A disseminação desses ornamentos ocorreu principalmente por meio de guias, enciclopédias e manuais de estilo, que apresentavam uma variedade de padrões ornamentais e categorias de motivos, como o vegetal, o geométrico e o figurativo.

Ao longo do século XIX e início do século XX, houve uma intensificação na produção editorial de repertórios ornamentais, acompanhada pelo desenvolvimento tecnológico na reprodução desses materiais, graças à técnica fotográfica e suas variantes. Os catálogos comerciais e os guias de estilo tornaram-se não apenas mostruários de produtos, mas também influenciaram na composição arquitetônica e na formação do gosto estético.

No contexto brasileiro, o ensino das artes e do desenho foi marcado pela influência da Missão Artística Francesa em 1816. No entanto, as tentativas de implantação de uma educação voltada para as artes aplicadas foram frustradas devido ao regime escravocrata e à elite que menosprezava o trabalho artesanal. Apesar disso, o contato com ornamentos clássicos começou desde cedo nas escolas, favorecendo uma educação visual e estimulando a produção e o consumo de ornamentos. Os ornatos na arquitetura são compreendidos como elementos ou enfeites de uma construção dispostos em um edifício com a função essencial, e geralmente única, de decoração. Todavia, estes podem ser indicativos da função que a edificação possui.

A produção editorial de repertórios ornamentais, que incluía obras francesas, italianas, inglesas e alemãs, chegava ao Brasil principalmente por meio das instituições de ensino e também de profissionais imigrantes. Essas publicações serviam como catálogos para clientes e artesãos, facilitando a escolha e a aplicação dos ornamentos em residências e edifícios.

Em suma, a disseminação dos ornamentos impressos democratizou as práticas decorativas ao longo do século XIX e início do século XX, ampliando seu uso para diferentes grupos sociais e contribuindo para a diversificação da arquitetura eclética no Brasil. Por isso, os ornatos e sua compreensão também são de grande referência, muitas vezes indicando o local para a população, então antes era necessário que sua arquitetura expressasse o local que representa.

Esse trâmite de modelos através de documentos em papel foi notado no trabalho de Alex Bohrer, só que com outros objetos de pesquisa e em uma época diferente, nesse caso principalmente forros de capelas em Minas Gerais, em que as pinturas realizadas foram comprovadas serem reproduções de gravuras que eram divulgadas amplamente entre as igrejas, neste contexto nos missais (BOHRER, 2004). Portanto, havia essa prática de disseminação de referências para as obras arquitetônicas desde o período colonial .

Ademais, no Brasil, o ecletismo surge na segunda metade do séc. XIX e chegando até meados da década de 40, do séc. XX, em suas manifestações mais tardias, além disso, conviveu competitivamente com várias tendências artísticas, entre elas, o neoclássico, neogótico, além do Art-Nouveau e do Art-Déco

### **3.2.1 Metodologia adotada**

Ademais, para melhor compreensão das fachadas, foram realizados desenhos ilustrativos de como cada fachada seria no século XIX. Como a maioria dos registros visuais datam do século XX, período no qual muitos teatros sofreram alterações, entende-se que alguns elementos das fachadas podem já não ser totalmente originais, todavia, foram utilizadas as documentações e registros fotográficos mais antigos para visar alcançar os objetivos de registrar os teatros como eles seriam em seu auge, dado que, a incorporação ou retirada de elementos arquitetônicos na atualidade fazem parte da história das edificações e devem ser preservados.

Frisa-se novamente a importância da criação de informações sobre os patrimônios arquitetônicos, especialmente devido a essa mutação no decorrer do tempo, a qual ocorre de modo diferente nos meios imóveis do que nos móveis. Dentre os diversos tipos de ecletismos discutidos, buscou-se então pensar os teatros através dos ornatos presentes neles, visando compreender se elementos se repetem de modo a ter um ecletismo de catálogo, em que o todo não mantém o estilo, ou então são ornatos que no conjunto consegue-se identificar um ecletismo mais coeso de desenho de belas artes, neste caso, os neoclássicos, neocoloniais, neogóticos, entre outros.

Além disso, para realização dos desenhos foram utilizadas fotografias e documentações, estas foram editadas no programa Adobe Photoshop que possui um recurso denominado Distorção de Perspectiva, o que auxiliou na elaboração dos desenhos frontalmente, todavia, para melhor entendimentos dos ornatos, foram utilizadas fotografias de diversos ângulos. Devido a limitação de realizar um levantamento arquitetônico das edificações em si, os desenhos realizados não foram colocados em escala real, porém, podem facilmente ser colocados através de medidas das fachadas.

### **3.2.2 Classificação por variação estilística e forma**

O historicismo tipológico, o pastiche compositivo e o ecletismo de catálogo, foram três abordagens distintas na arquitetura que refletem diferentes maneiras de

lidar com referências históricas, estilos e formas do período (Mendes, Veríssimo, Bittar, 2011).

O Funcionalismo ou Historicismo Tipológico busca associar a forma de uma edificação às suas origens históricas, estabelecendo padrões para determinados programas arquitetônicos. Isso significa que a forma do edifício é determinada pela sua função e também por referências históricas específicas. A fachada do edifício torna-se uma espécie de linguagem visual, carregada de símbolos e referências que ajudam a compreender a função do edifício. O objetivo é criar uma arquitetura que fale por si mesma, transmitindo sua função através de sua aparência externa.

Enquanto isso, ainda segundo Mendes, Veríssimo e Bittar (2011), o Pastiche Compositivo envolve a catalogação e aplicação de formas do passado de maneira afirmativa, mas não necessariamente seguindo as leis de composição de um único estilo arquitetônico. Em outras palavras, o pastiche compositivo combina elementos de diferentes estilos arquitetônicos em uma única obra. Isso pode resultar na fusão de um ou mais estilos, onde as origens dos estilos são perceptíveis na composição final. Apesar da mistura, ainda é possível identificar as características dos estilos originais, como por exemplo de elementos neoclássicos.

Em contrapartida, o Ecletismo de Catálogo é uma espécie de popularização dos elementos arquitetônicos, aplicada nas metrópoles em crescimento, muitas vezes de forma não ordenada. Caracteriza-se pela grande variedade e quantidade de ornamentos, gradis, esquadrias e outros elementos decorativos disponíveis no mercado. Como mencionado anteriormente, esses elementos eram oferecidos em catálogos, permitindo uma ampla gama de combinações na construção de conjuntos arquitetônicos urbanos. Apesar dessa diversidade, não se identifica um estilo específico na composição, pois os elementos são selecionados de forma aleatória ou de acordo com a preferência do cliente, resultando em uma estética eclética e variada.

Em resumo, enquanto o historicismo tipológico busca uma associação direta entre forma e função com base em referências históricas, o pastiche compositivo mistura elementos de diferentes estilos de maneira consciente, e o ecletismo de catálogo incorpora uma grande variedade de elementos decorativos de forma aleatória ou personalizada.

Levando em consideração essa abordagem de leitura tipológica, compreendeu-se que as fachadas analisadas podiam ser caracterizadas como de

Pastiche Compositivo ou Ecletismo de Catálogo. Para isso foi realizada a análise arquitetônica de cada fachada através de fotografias, assim como, dos desenhos realizados. Ademais, utiliza-se de imagens retiradas dos livros de arquitetura e ornatos para compreender e catalogar os ornatos presentes nas edificações.



Teatro Sete de Abril - Localizado em Pelotas/RS - Datado de 1834 - Tombado pelo IPHAN em 1972

**Teatro Sete de Abril (1834)**  
**Tipologia: Ecletismo de Catálogo**

O Teatro Sete de Abril passou por severas alterações em sua fachada ao longo do tempo. Com base no trabalho de Fonseca (2014), compreende-se que, inicialmente, a fachada do teatro era neoclássica. No entanto, ao longo das épocas e das mudanças de gosto, este teatro foi o que mais sofreu modificações entre os objetos de estudo analisados. No desenho e, conseqüentemente, na fachada analisada, o teatro já havia passado por intervenções, especialmente pela incorporação de ornamentos que remetem a outros estilos, como o Art Déco e o Art Nouveau, o que condizia com o gosto da época em que as intervenções ocorreram, por volta de 1916, segundo Fonseca (2014).

Assim, a fachada analisada se assemelha mais à fachada que o teatro possui nos dias atuais e está de acordo com o período em que o ecletismo chegava ao Brasil e, conseqüentemente, ao Rio Grande do Sul. Sendo assim, o teatro é classificado como de pastiche compositivo, com a presença de elementos específicos.

O teatro apresenta uma fachada tripartida, pois possui pilares que delimitam verticalmente essa divisão, Ademais, horizontalmente é composta por base, corpo e coroamento, distribuídos em dois andares. Possui igualmente dois ressaltos laterais e simetria bilateral na fachada. A tríade central de elementos da fachada é caracterizada por um frontão em arco abatido com cimalha, terminando em volutas. Ornamentos adicionais incluem dentículos na parte superior, além da inscrição no tímpano "1843 - THEATRO SETE DE ABRIL - 1916" acompanhada por tres janelas com moldura simples abaixo que acompanham o formato do frontão.

Os ressaltos laterais são separados do centro por pilastras ornamentadas, que percorrem toda a altura da edificação e são decorados com elementos circulares, quadrados e retangulares. Adicionalmente, ao lado do nome da edificação, encontram-se mascarões em cada extremidade. Além disso, a edificação apresenta ático com balaústres torneados, tendo dois pilares em cada extremidade decorados de forma semelhante, mas sem os mascarões. Ornamentos em dentículos são dispostos abaixo do ático.

Cada ressalto lateral possui uma janela-sacada com guarda-corpo contendo balaústres torneados e um pedestal em cada lado. A janela-sacada é adornada com

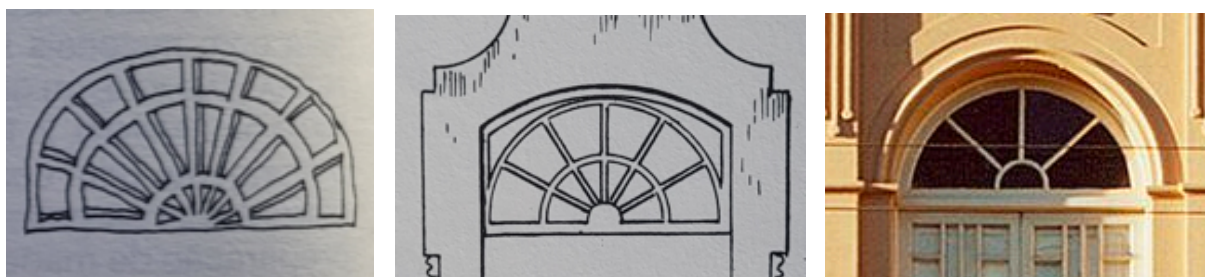
dois consolos em cada extremidade inferior, enquanto a esquadria possui verga reta com acabamento em frisos. Elementos fitomórficos, incluindo uma lira ao centro, decoram a parte superior, remetendo à arte.

O centro do corpo apresenta três janelas, cada uma com duas folhas almofadadas e elementos geométricos retangulares. Estas janelas possuem verga reta e bandeira em leque, a qual é definida por subdivisões geralmente em madeira ou ferro, formando arcos de círculo com o mesmo ângulo. A parte superior possui elementos inferiores remissivos de quadrifólios pontiagudos com círculos. Na sobreverga há elementos fitomórficos, além de um instrumento musical, possivelmente um violino, um tarol e um alaúde, dispostos da esquerda para a direita.

A base é composta por portas de verga reta nos ressaltos, com duas folhas almofadadas e uma moldura simples de frisos. No centro, há três portas com duas folhas almofadadas, cobertura em ferro e verga levemente arqueada. Os vãos em geral apresentam cercadura, comumente denominada guarnição em portas e janelas, consistindo em uma moldura simples de frisos.

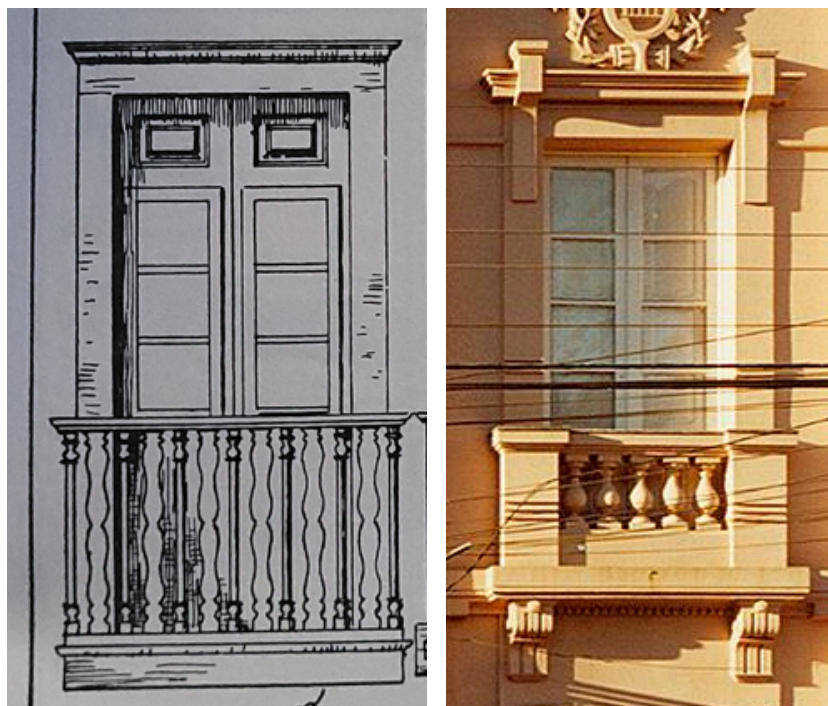
Em geral, como mencionado, algumas alegorias da fachada remetem à arte deco, como elementos circulares, quadrados e retangulares, formas mais retilíneas e a Art Nouveau, adicionados posteriormente à construção original do teatro, conforme documentado por Fonseca (2014).

Figura 35, 36 e 37 - Da esquerda para direita, ilustração de bandeira em leque, bandeira em leque em São Luís do Maranhão e bandeira em leque no Teatro Sete de Abril



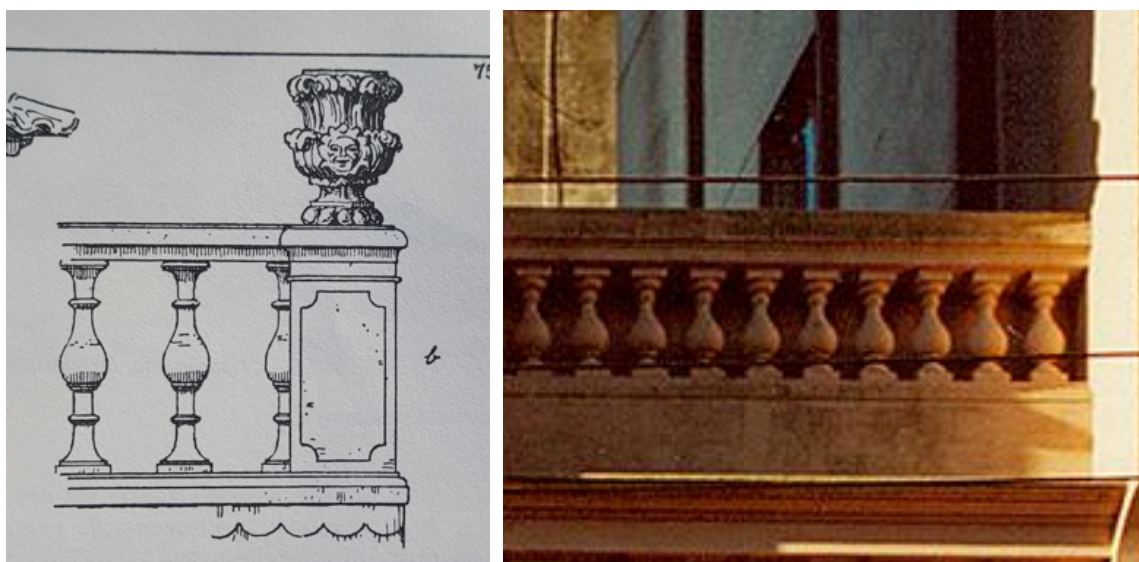
Fonte: ALBERNAZ, LIMA, 1998, RODRIGUES, 1990 e  
<http://soleassociados.com.br/projetos/theatro-sete-de-abril/>

Figura 38 e 39 - à esquerda janela com balcão torneado em Caeté/MG e a direita janela do segundo andar do Teatro Sete de Abril



Fonte: RODRIGUES, 1990 e <http://soleassociados.com.br/projetos/theatro-sete-de-abril/>

Figura 38 e 39 - à esquerda terraço de casa que fica junto à Ponte dos Contos em Ouro Preto/MG e ático com acabamento em balaústres torneados



Fonte: RODRIGUES, 1990 e <http://soleassociados.com.br/projetos/theatro-sete-de-abril/>



Teatro União - Localizado em Triunfo/RS - Datado de 1848

### Teatro União (1848)

**Tipologia: Pastiche Compositivo (identificável arquitetura luso-brasileira e ecletismo)**

O Teatro União, localizado na cidade de Triunfo, é uma exceção dentro da arquitetura dos objetos analisados, assim como a própria cidade, a qual até hoje mantém muitas edificações e elementos do período luso-brasileiro. Dessa forma, ao realizar a leitura da fachada, compreendeu-se esse contexto em que o teatro está inserido, assim como sua época de inauguração, visando classificá-lo mais coerentemente dentro da metodologia adotada nesta pesquisa.

Ademais, o teatro possui um pavimento com telhado em duas águas. Fachada simétrica simples, com duas pilastras posicionadas nas extremidades do edifício, uma porta centralizada de duas folhas almofadadas e uma bandeira envidraçada. Adicionalmente, apresenta uma verga reta e uma moldura de estilo simplificado.

O coroamento do edifício é delineado por um frontão triangular, finalizado por uma platibanda. A separação entre o corpo principal e o coroamento é marcada por frisos, formando uma faixa onde, à esquerda, está gravada a data 1848 e à direita, 1912. No centro, há algumas letras, possivelmente "GOOV". Cada extremidade do coroamento possui uma cornija ornamental composta de elementos torneados, enquanto acima do frontão, no centro, encontra-se uma ave, possivelmente uma águia. No tímpano do frontão, observam-se elementos circulares, no qual se destaca uma máscara simples. Por fim, em cada lado da porta central, são visíveis pequenas janelas venezianas.

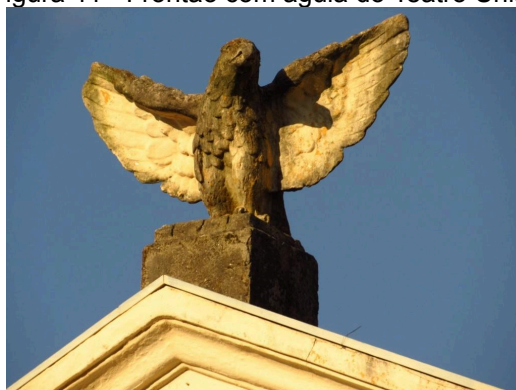
Ademais, é perceptível a tipologia luso-brasileira através da presença de vãos e vazios, assim como da simplicidade de elementos que compõem a fachada.

Figura 40 - Remate de pontas de telhados com uso de aves.



Fonte: RODRIGUES, 1990.

Figura 41 - Frontão com águia do Teatro União



Fonte: e <https://destinosdosul.com/2019/11/11/o-segundo-tetro-mais-antigo-do-rs/>

Figura 42 - Máscara presente no tímpano do frontão do Teatro União



Fonte: <https://destinosdosul.com/2019/11/11/o-segundo-tetro-mais-antigo-do-rs/>



**Theatro São Pedro** - Localizado em Porto Alegre/RS - Datado de 1858 - Tombado pelo IPHAE em 1978

### **Theatro São Pedro (1858)** **Tipologia: Neoclássico**

O Teatro São Pedro foi inaugurado em 1858, no entanto, seu projeto foi elaborado em 1833, época em que o neoclássico era o gosto predominante no estado. Ademais, sofreu poucas alterações ao longo do tempo. Portanto, compreende-se que, devido à época de elaboração do projeto, o qual não se modificou apesar da demora em oficialmente inaugurá-lo, e aos ornamentos e à forma da fachada, o teatro ainda é classificado como neoclássico, não se enquadrando no ecletismo.

O teatro apresenta uma estrutura composta por base, corpo e coroamento, distribuídos em dois andares, com uma fachada bilateralmente simétrica. O coroamento é um ático simples, ornamentada com elementos reticulares e frisos. O corpo do edifício no segundo pavimento exhibe sete janelas com vergas retas, acompanhadas por sobrevergas triangulares decorados com frisos. As três janelas centrais são destacadas por um balcão corrido, apoiado em quatro colunas com capitéis ornamentados apenas com frisos e uma base ática. As demais janelas possuem balcões entalhados, também decorados com balaústres torneados.

Uma faixa decorada com frisos divide a base e o corpo da estrutura. A base é caracterizada por duas portas em cada lateral e três portas principais ao centro, todas com patamares de acesso, que consistem em degraus que conduzem a cada entrada. Todas as portas são adornadas com bandeiras em formato de leque. Além disso, as duas janelas em cada lado também possuem balcões entalhados, com balaústres semelhantes aos do corpo do edifício. Em geral, todas as esquadrias são compostas por duas folhas envidraçadas.

A edificação possui um porte-cochère que remete ao partido neoclássico. Atualmente, as portas centrais foram substituídas por portas de vidro, instaladas posteriormente na estrutura, mantendo, contudo, o formato original do vão.



**Teatro Múcio de Castro** - Localizado em Passo Fundo/RS - Datado de 1883 - Tombado pelo município em 1990

## Teatro Múcio de Castro (1883) Tipologia: Ecletismo de Catálogo

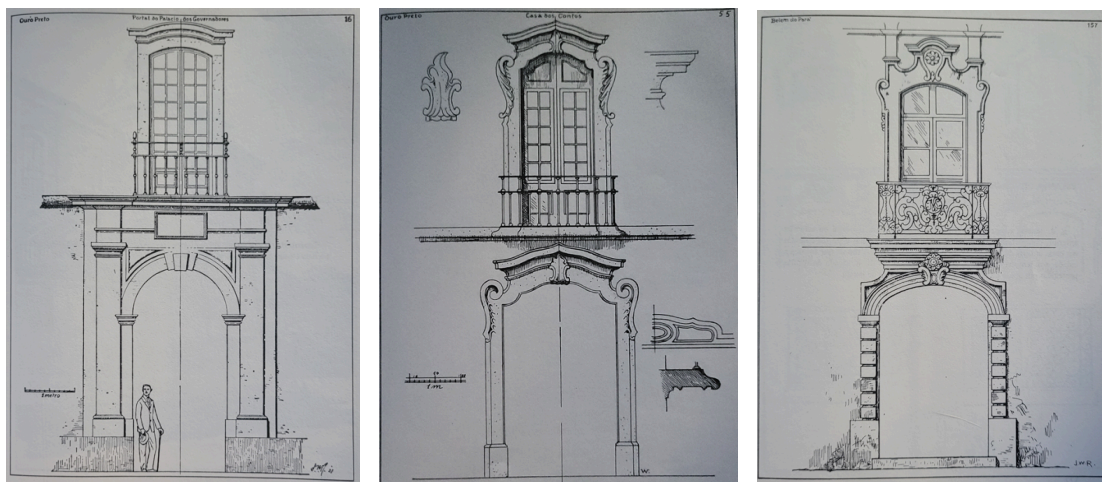
O teatro é estruturado em base, corpo e coroamento, dispostos em dois andares, e apresenta simetria bilateral em sua fachada. O coroamento é destacado por um frontão central, localizado acima da janela principal, possuindo um formato singular ornamentado com frisos e uma estrela no tímpano. Além disso, em cada extremidade do coroamento, encontram-se dois ornatos similares a compoteiras. Adicionalmente, a separação entre o coroamento e o corpo da edificação é marcada por frisos.

O corpo do edifício possui duas janelas, uma em cada lado, ambas com balcões entalhados e balaústres torneados, compostas por duas folhas de vidro, bandeira retangular envidraçada e verga reta encimados por frisos na parte superior. A janela central é composta por duas folhas de vidro, bandeira retangular envidraçada e bandeira em formato de leque. Adicionalmente, apresenta um púlpito composto por balaústres, apoiado em elementos fitomórficos que imitam folhas.

A base da edificação é separada do corpo por frisos e possui uma porta central com duas folhas, bandeira simples, todas ornamentadas com vidros, verga reta, moldura simples e um patamar de acesso. As janelas laterais da base são muito semelhantes às do corpo da edificação, compostas por duas folhas de vidro, bandeira simples e moldura ornamentada com frisos.

Por fim, quase toda a edificação possui uma cobertura de bossagem, uma técnica de imitação de pedra feita na argamassa que reveste a estrutura.

Figura 43, 44 e 45 - Exemplos de portais com janela-sacada na parte superior ( da esquerda para direita: Portal do Palácio dos Governadores em Ouro Preto/MG, Casa dos Contos em Ouro Preto/MG e Antiga Residência em Belém do Pará.



Fonte: RODRIGUES, 1990.

Figura 46 - Fachada do Teatro Múcio de Castro com disposição dos elementos centrais semelhantes.



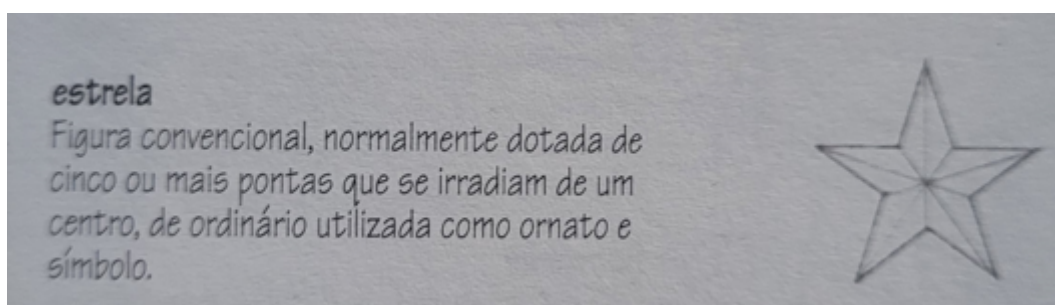
Fonte: Google Maps 2024, adaptado pela Autora.

Figura 47 e 48 - À esquerda janela com vidros em disposição clássica em Ouro Preto/MG e a direita fachada do segundo andar do Teatro Múcio de Castro.



Fonte: RODRIGUES, 1990 e Google Maps 2024, adaptado pela Autora.

Figura 49 e 50 - Ornato em estrela



Fonte: ALBERNAZ, LIMA, 1998 e Google Maps 2024, adaptado pela Autora.



Theatro Prezewodowski - Localizado em Itaqui/RS - Datado de 1886 - Tombado pelo IPHAE em 1982

### **Theatro Prezewodowski (1886)**

**Tipologia: Pastiche Compositivo (identificável neoclássico e ecletismo)**

O teatro é composto por base, corpo e coroamento, apresentando dois andares e dois anexos laterais com vãos em arco plenos, decorados de forma simples com alguns frisos. Os anexos são segregados do restante da fachada por pilares adornados com frisos e bossagem, mantendo a simetria bilateral.

No coroamento, destaca-se um frontão triangular, com um guarda-corpo simples ornamentado com elementos geométricos, como losangos. O tímpano do frontão possui uma abertura em forma de óculo.

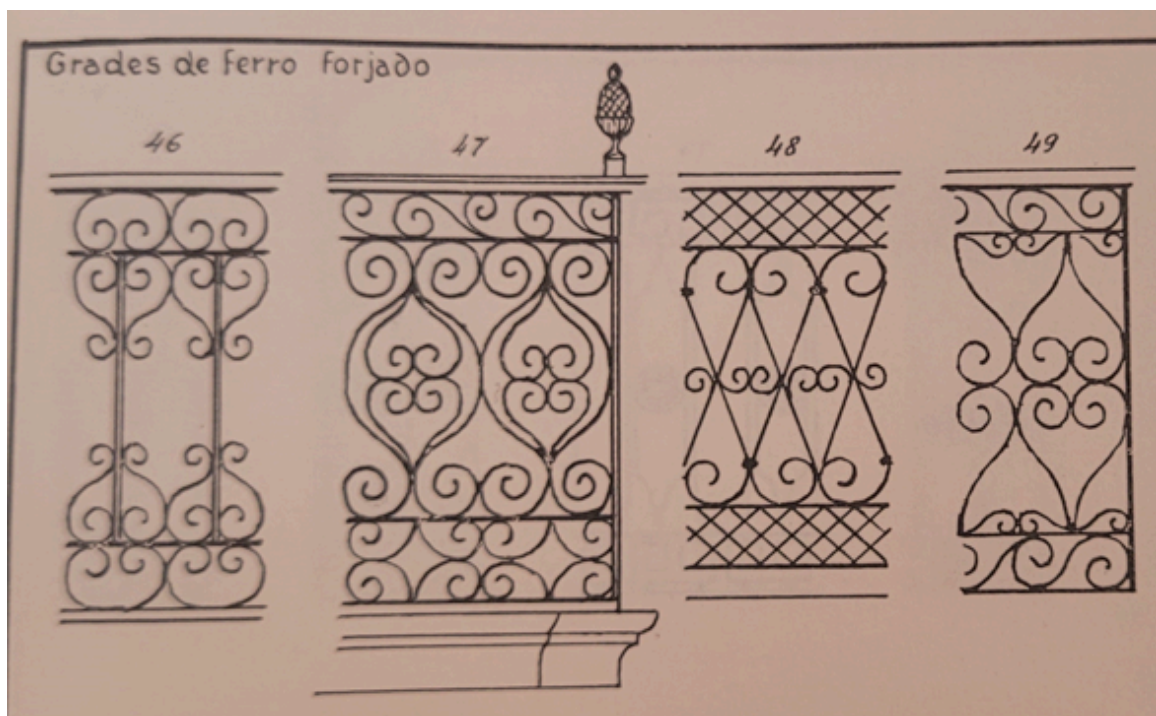
A divisão entre o coroamento e o corpo da edificação é ricamente ornamentada, com frisos, denticulados e elementos decorativos, tendo no centro a palavra "THEATRO".

O corpo do edifício possui duas janelas, uma em cada extremidade da fachada, com balcão de ferro forjado decorado e sustentado por três consolos, sendo um central mais simples e dois extremos mais elaborados. As janelas possuem duas folhas de vidro. Abaixo destas, encontram-se mais duas janelas semelhantes às superiores, com verga reta, duas folhas e acabamento em vidro.

A união entre a base e o corpo é marcada pela portada, que é dividida das laterais por pilares com capitéis coríntios. A porta principal de entrada possui duas folhas almofadadas, com bandeira também almofadada. A porta é ricamente decorada, com pilares e frisos em arco pleno, além de uma decoração de sobreporta detalhada com elementos predominantemente ovais, remetendo à cultura mourisca. Acima do arco que enquadra a porta, encontra-se o nome do teatro "PREZEWODOWSKI".

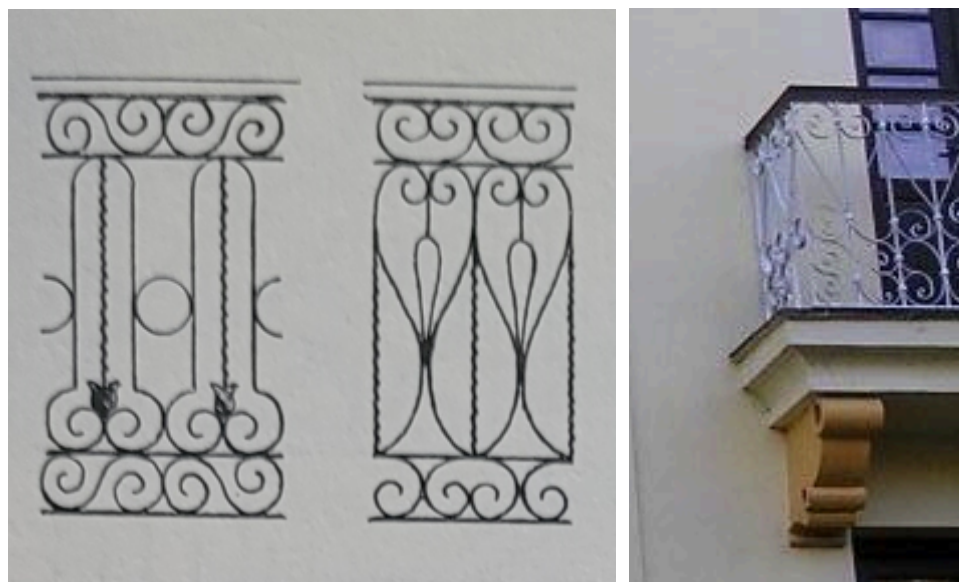
A fachada é cercada por um muro composto por oito colunas e grades de baixa estatura, sendo as colunas decoradas na parte superior por elementos triangulares com frisos.

Figura 51 - Grades de ferro forjado, número 46 é da cidade de São Paulo, as demais são de Ouro Preto/MG



Fonte: RODRIGUES, 1990.

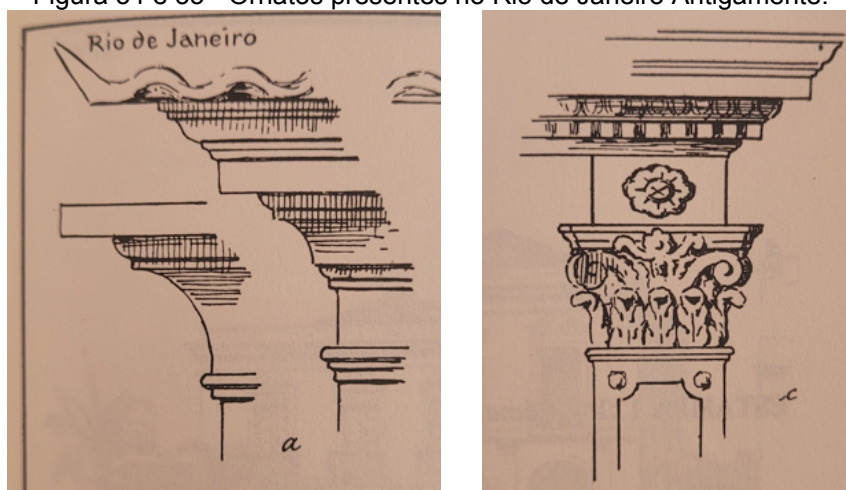
Figura 52 e 53 - à esquerda grades de ferro forjado em Recife e a direita grade de ferro forjado no segundo andar do Theatro Prezewoodski



Fonte: RODRIGUES, 1990 e

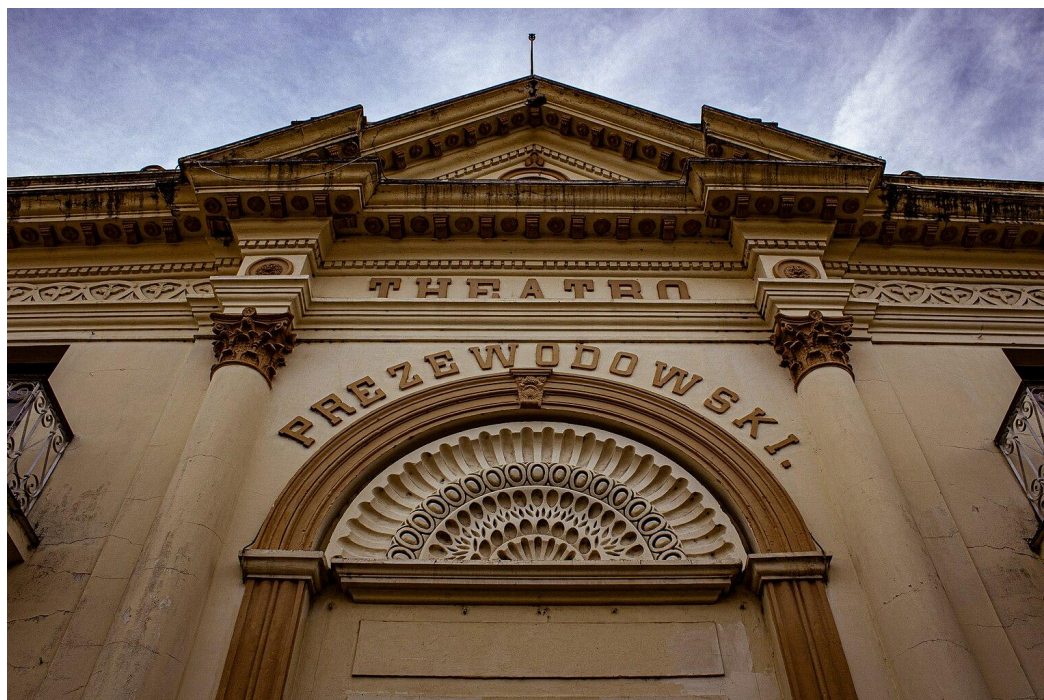
<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=18903>

Figura 54 e 55 - Ornatos presentes no Rio de Janeiro Antigamente.



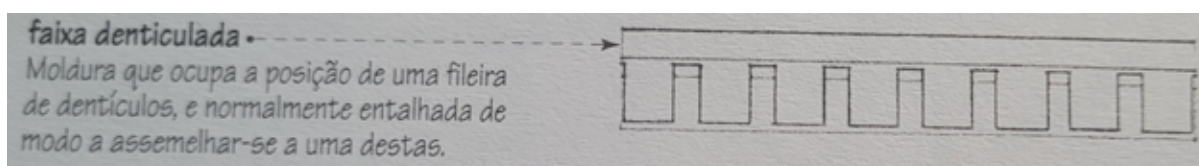
Fonte: RODRIGUES, 1990.

Figura 56 - Detalhes da fachada e dos ornatos do Theatro Prezewoodowski



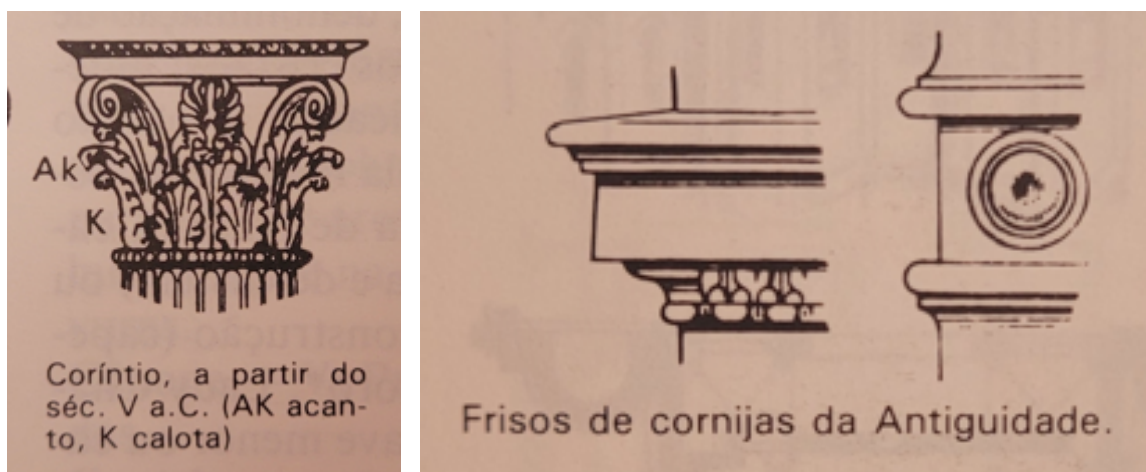
Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Teatro\\_Prezewoodowski](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Teatro_Prezewoodowski)

Figura 56 - Faixa denticulada.

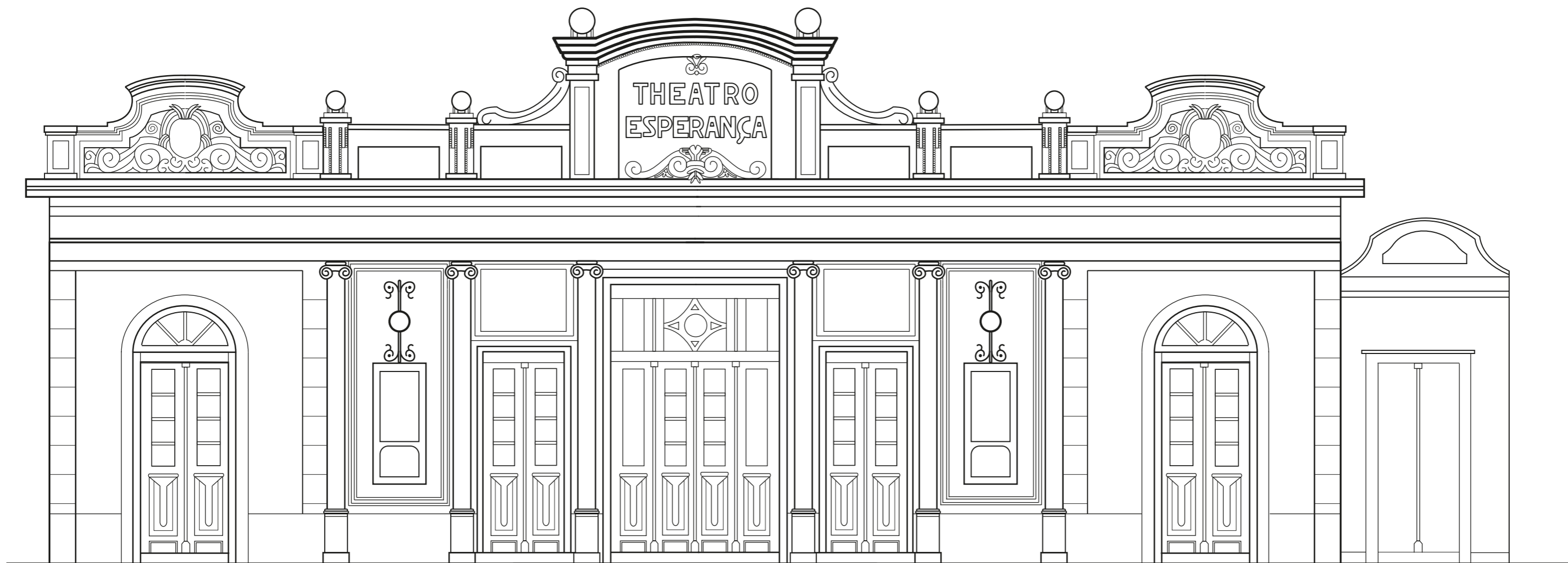


Fonte: ALBERNAZ, LIMA, 1998.

Figura 57 e 58 - à esquerda capitel coríntio e à direita frisos e cornijas da antiguidade que se assemelham aos ornatos presentes na fachada do Theatro Prezewoodski.



Fonte: KOCH, REZENDE, 2001.



Teatro Politeama Esperança - Localizado em Jaguarão/RS - Datado de 1887 - Tombado pelo IPHAN em 1990

**Teatro Politeama Esperança (1887)**  
**Tipologia: Ecletismo de Catálogo**

O teatro é caracterizado pelo seu corpo e coroamento, exibindo simetria bilateral na fachada, à exceção do anexo lateral à extrema direita, que aparentemente foi adicionado posteriormente.

O coroamento apresenta um frontão central, além de dois laterais, e um ático decorado com meia coluna com uma esfera acima. O frontão principal possui um design ondulado, adornado com volutas em ambos os lados. Seu tímpano contém o nome do edifício, além de elementos em volutas e ornamentos orgânicos. Os frontões laterais possuem uma Cártula, um elemento oval circundado por ornamentação em volutas, possivelmente para abrigar algum motivo decorativo. A separação entre o coroamento e o corpo principal da fachada é marcada por diversas cimalkhas.

O corpo do edifício possui uma porta centralizada com bandeira e vitrais, verga reta e quatro folhas ornamentadas com vidros na parte superior e almofadadas na parte inferior. À cada lado dessa porta central, a fachada apresenta mais duas portas compostas por duas folhas e sem bandeira, mas semelhantes à porta principal com moldura simples. Ao lado dessas portas, encontram-se pequenas janelas retangulares com moldura simples, encimadas por luminárias de ferro fundido. Abaixo dos frontões laterais, há duas portas semelhantes às mencionadas anteriormente, porém com bandeira em formato de leque e presença de moldura. Ademais, a fachada possui seis pilastras com capitéis jônicos.

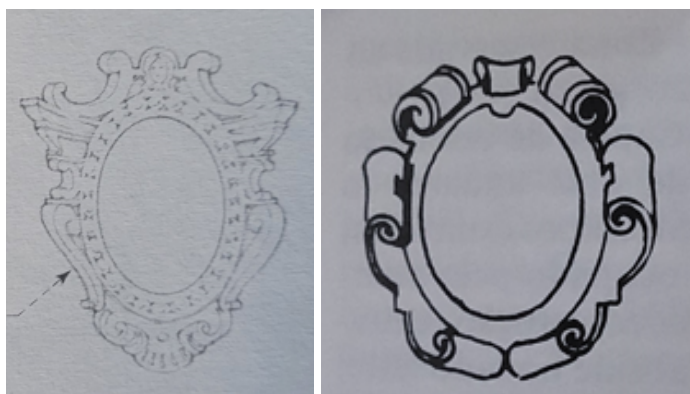
Conforme mencionado, na extremidade à direita da fachada, há um anexo com uma porta de duas folhas, verga reta, encimada por frisos e um frontão simples. Alguns detalhes da fachada apresentam bossagem, uma imitação de pedra. Por fim, toda a fachada é adornada com um entablamento imitando pedra, que se repete nas pilastras.

Figura 59 e 60 - à esquerda portal de antiga casa de oração dos jesuítas na Bahia e à direita ornamentação presente no Teatro Politeama Esperança.



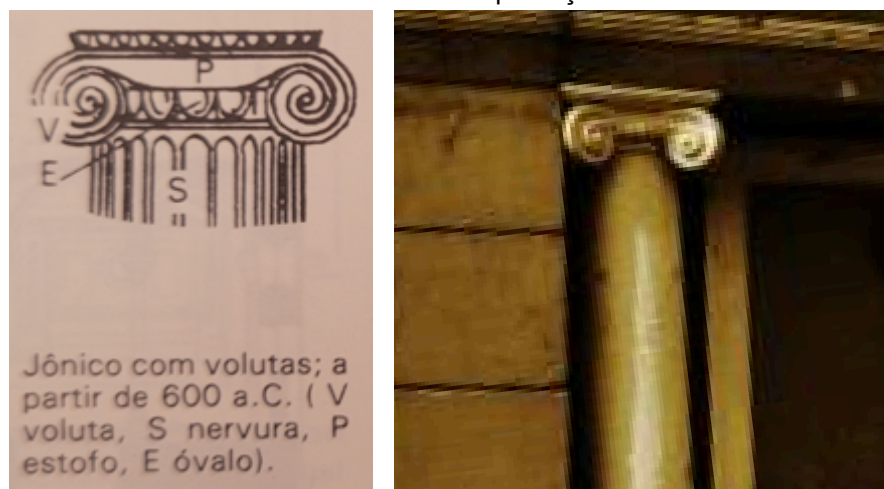
Fonte: RODRIGUES, 1990 e  
[https://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g1966566-d4126779-Reviews-Theatro\\_Esperanca-Jaguarao\\_State\\_of\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul.html](https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g1966566-d4126779-Reviews-Theatro_Esperanca-Jaguarao_State_of_Rio_Grande_do_Sul.html)

Figura 61 e 62 - Cártulas



Fonte: ALBERNAZ, LIMA, 1998 e KOCH, REZENDE, 2001.

Figura 63 e 64 - à esquerda capitel Jônico e a direita capitel Jônico presente na fachada do Teatro Politeama Esperança.



Jônico com volutas; a partir de 600 a.C. ( V voluta, S nervura, P estofo, E óvalo).

Fonte:  
 KOCH, REZENDE, 2001 e  
<https://www.jaguarao.rs.gov.br/visitas-as-obras-de-restauro-marcam-os-118-anos-do-teatro-esperanca>



Theatro Treze de Maio - Santa Maria/RS - Datado de 1890 - Tombado pelo municipio em 2014

### Theatro Treze de Maio (1890)

**Tipologia: Pastiche Compositivo (identificável neoclássico e ecletismo)**

O teatro, assim como o Sete de Abril, possui uma fachada tripartida. Ademais é constituído por base, corpo e coroamento, distribuídos em dois andares e apresentando simetria bilateral na fachada.

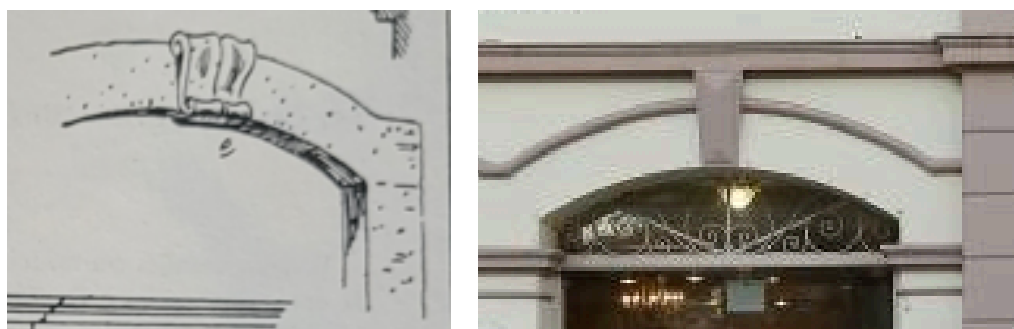
O coroamento é simples, composto por um frontão central triangular, adornado com cornijas, onde o nome do teatro está inscrito no tímpano, e um ático que percorre toda a extensão do coroamento.

O corpo do edifício possui três janelas centrais e duas laterais, uma em cada lado da estrutura. Todas as janelas são caracterizadas por uma verga reta, bandeira ornamentada com elementos decorativos circulares e retangulares, além de frisos decorativos posicionados acima e abaixo. Na divisão das três janelas centrais, há ainda uma ornamentação elaborada em formas circulares e retangulares.

Há uma separação do corpo por uma cimalha simples e composta, apresentando no centro dois vãos com vergas em arco abatido, cada um decorado com moldura e fecho e ambos acompanhados por pequenos patamares de entrada.

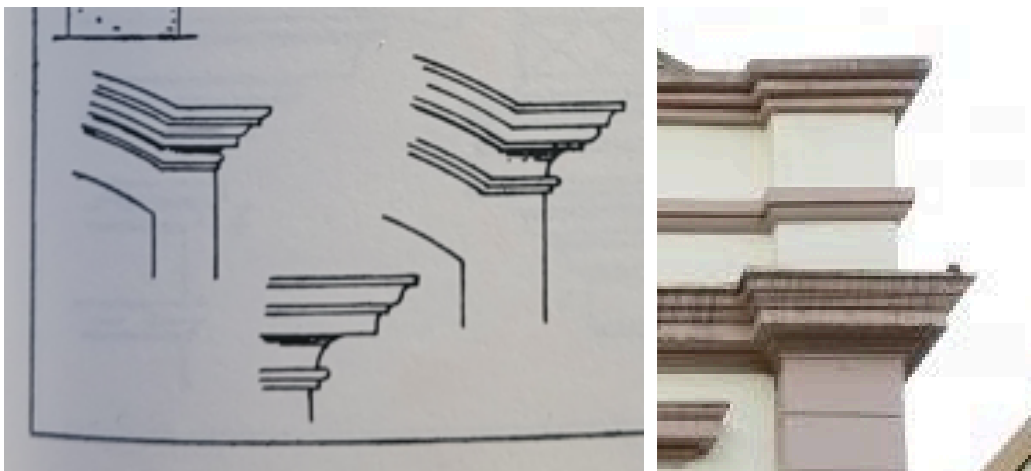
Além disso, em cada lateral da estrutura, encontra-se uma janela com verga reta e bandeira em formato de leque. É possível observar também quatro pilastras que dividem a fachada, a qual é inteiramente adornada com bossagem.

Figura 65 e 66 - Detalhe da Sobreverga com arco abatido


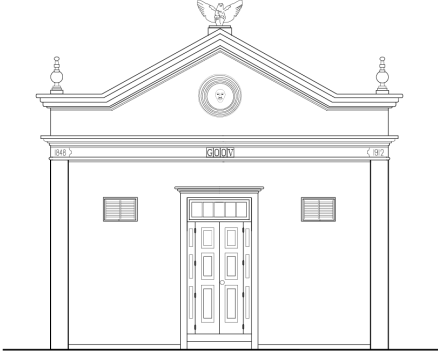






Fonte: RODRIGUES, 1990 e  
<http://www.hotelpousadaartisan.com/theatro-esperancedila.html>

Figura 67 e 68 - à esquerda acabamento de frisos no livro Documentário Arquitetônico e a direita detalhes dos frisos no Teatro Politeama Esperança.



Fonte: RODRIGUES, 1990 e  
<http://www.hotelpousadaartisan.com/theatro-esperancedila.html>

Tipologia Fachada	
Ecletismo de Catálogo	Pastiche Compositivo
<p data-bbox="347 383 762 412"><b>Teatro Sete de Abril - Pelotas/RS</b></p> 	<p data-bbox="970 383 1294 412"><b>Teatro União - Triunfo/RS</b></p> 
<p data-bbox="352 853 756 909"><b>Teatro Múcio de Castro - Passo Fundo/RS</b></p> 	<p data-bbox="935 853 1378 882"><b>Theatro Prezewosowski - Itaqui/RS</b></p> 
<p data-bbox="363 1337 743 1393"><b>Teatro Politeama Esperança - Jaguarão/RS</b></p>  <p data-bbox="387 1653 676 1662"><small>Teatro Politeama Esperança - Localizado em Jaguarão/RS - Data de 1857 - Torneado pelo IPHAN em 1990</small></p>	<p data-bbox="906 1337 1406 1366"><b>Theatro Treze de Maio - Santa Maria/RS</b></p> 

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da arquitetura teatral revela a existência de uma classificação distinta, com tipos específicos em relação à construção do palco e da plateia. No entanto, em relação às fachadas, não há uma tipologia distinta associada à arquitetura teatral. Os edifícios adotam elementos estilísticos da época, frequentemente encontrados em residências históricas, prédios institucionais e até mesmo em edifícios religiosos para suas fachadas. No máximo, são incorporados ornamentos que fazem alusão direta às artes cênicas e líricas. Adicionalmente,

[...] a arquitetura continua a exercer um impacto direto sobre os sentidos e os sentimentos. O corpo responde, como sempre fez, aos aspectos fundamentais do design, tais como interior e exterior, verticalidade e horizontalidade, massa, volume, espaço, interior e luz (TUAN, 1930, p. 129).

Compreendeu-se também durante a pesquisa a importância de compreender os espaços teatrais dentro do contexto em que estão inseridos, seja na época em que foram inaugurados ou nos dias atuais, levando também em consideração sua história ao longo do tempo. Além disso, é crucial compreender a subjetividade nas classificações, especialmente das edificações arquitetônicas no período eclético, reconhecendo a existência de outras interpretações do ecletismo por diferentes autores.

Destaca-se, ainda, como o ecletismo foi um estilo arquitetônico relegado durante a busca pelo estilo brasileiro pelos modernistas, que viam o luso-brasileiro como o verdadeiro estilo arquitetônico. Desse modo, as pesquisas sobre o ecletismo mostraram-se muito relevantes e, em certa medida, recentes, considerando que ainda existem muitas edificações de diversos usos, espalhadas por todo o país, que não foram estudadas e que podem ou não ser ecléticas.

Desse modo, a documentação coletada nesta pesquisa visa contribuir para a história da arquitetura teatral no Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, no contexto nacional. Identificaram-se similaridades entre os teatros estudados e outras edificações brasileiras, uma vez que a análise dos ornamentos foi realizada com base em literatura que aborda o contexto nacional, extrapolando, assim, as fronteiras estaduais. Além disso, a pesquisa proporciona documentos e informações essenciais para a preservação dos teatros remanescentes, oferecendo orientações

para possíveis intervenções nos edifícios analisados. É pertinente destacar, conforme observado por Viñas (2021), que os acréscimos, especialmente os elementos nas fachadas, agora fazem parte da história desses teatros

Ademais, nem todos os teatros poderiam seguir o modelo italiano com a variante ferradura, que inclui galerias laterais. Como mencionado no primeiro capítulo, a popularização dos teatros exigiu adaptações para acomodar um maior número de espectadores. Dessa forma, é possível que a tipologia de palco e plateia tenha sido modificada ao longo dos anos, alterações que também devem ser preservadas, pois já fazem parte da história e são identificadas pela comunidade teatral local. Por exemplo, há registros de uma plateia móvel que modificava o Teatro Prezewodowski para diferentes tipos de apresentações, embora essa funcionalidade não esteja mais em uso.

A conservação dessas edificações remanescentes é crucial, pois são patrimônios culturais que testemunham diferentes épocas. González-Varas (1999) ressalta a importância desses locais como testemunhos da atividade humana, e além da preservação do bem material, é essencial conservar sua história. Portanto, a produção de pesquisas sobre esses bens é fundamental.

É importante, também, observar que nem todos os bens possuem foram tombados, especialmente em nível nacional. Embora o tombamento isoladamente não garanta a preservação do bem, é um instrumento estabelecido na legislação brasileira para proteger o patrimônio histórico que também poderia contribuir para preservação dos espaços, as informações contidas nesta pesquisa podem auxiliar na elaboração de dossiês de tombamento também.

Em última análise, o objetivo de todas essas medidas é evitar que esses patrimônios caiam no esquecimento. "A memória [...] tem indiscutivelmente algo a ver não apenas com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro" (ROSSI, 2010, p. 24). Portanto, é crucial que esses espaços permaneçam na memória das comunidades, integrando-se à sua identidade e cotidiano, para assim, garantir sua preservação.

## REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, M. P. LIMA, M. C. **Dicionário ilustrado de arquitetura** - volume I. São Paulo, ProEditores, 1998.

ARGAN, G. C. **Sobre a tipologia em arquitetura**. 1963. Capítulo 5, p. 267 - 271. in NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura teórica** (1965-1995). Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

AZZOLIN, Naiara. **O livro ouro como patrimônio documental: o caso do Theatro Treze de Maio de Santa Maria–RS**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/23666>. Acesso em: 27 jan. 2024

BENCLOWICZ, Carla (org). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BITTENCOURT, Ezio da Rocha. **Os primeiros teatros do Rio Grande do Sul** (século XVIII- primeira metade do XIX). In: XXIV Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2007, São Leopoldo, RS. História e Multiplicidade: territórios e deslocamentos.

\_\_\_\_\_. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional** (Panorama da história de Rio Grande). 1.ed. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

\_\_\_\_\_. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional**. 2.ed. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

BOHRER, Alex Fernandes. **Mecenato e fontes iconográficas na pintura colonial mineira: Ataíde e o Missal 34**. Anais do XXIV Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, 2004. Disponível em: [http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/textos/04A\\_alex\\_bohrer.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/textos/04A_alex_bohrer.pdf). Acesso em 27 jan. 2024.

**CARTOGRAFIA dos palcos**. s/d. Disponível em: <https://cartografiadospalcos.com.br/>. Acesso em: 27 jan. 2024

CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CONSELHO Internacional de Monumentos e Sítios. **Carta do ICOMOS: Princípios Para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural Do Patrimônio Arquitectónico**. 2003. p.5. Disponível em:

[https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-do-icomos-2003\\_principios.pdf](https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-do-icomos-2003_principios.pdf).

Acesso em: 27 jan. 2024.

DANCKWARDT, Voltaire P. **O edifício teatral: resultado edificado da relação palco-platéia**. 2001. 245f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1831>. Acesso em: 27 jan. 2024.

FARIA, João Roberto. **Um sólido panorama do teatro brasileiro**. Revista USP, São Paulo, v. 44, p. 342-346, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30101>. Acesso em: 17 set. 2020.

FERRAZ, Renata Bastos Dellamea; DE BEM, Judite Sanson. **Theatro São Pedro: desenvolvimento cultural de um bem simbólico de Porto Alegre**. COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional, v. 16, n. 2, p. 77-98, 2019. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/view/1217/794>. Acesso em 27 jan. 2024.

FONSECA, Letícia Beck; DE OLIVEIRA, Ana LC. **Theatro Sete de Abril: A fachada e suas transformações visuais a partir do século XIX, aos dias atuais na cidade de Pelotas, RS**. Disponível em: [https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2013/LA\\_00113.pdf](https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2013/LA_00113.pdf). Acesso em 27 jan. 2024.

GINZBURG, Carlos. De A. Warburg a E. H. Gombrich, notas sobre um problema de método. In: GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais**, 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 41- 93.

GONZÁLEZ-VARAS, Ignacio. **Conservación de bienes culturales: Teoría, principios y normas**. Edição Cátedra, 2006. p. 632.

HESSEL, Lothar. **O Teatro no Rio Grande do Sul**. Editora da Universidade/UFGRS, Porto Alegre, 1ª ed., 1999.

IBGE. **Histórico de Cidades. Brasil, Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/historico>. Acesso em: 27 jan. 2024.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Jaguarão (RS) tem de volta o Teatro Esperança totalmente restaurado**. Notícias. 12 nov. 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3361/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

INSTITUTO do patrimônio histórico e artístico do estado. **Teatro Prezewodowski**. s/d. Disponível em:

<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=18903>.  
Acesso em: 27 jan. 2024.

INSTITUTO do patrimônio histórico e artístico do estado. **Theatro São Pedro**. s/d.  
Disponível em:  
<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=16116>.  
Acesso em: 27 jan. 2024.

KOCH, Wilfried; REZENDE, Neide Luzia de. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**.  
2001.

LIMA, Evelyn. **Arquitetura teatral no Brasil**: da Colônia às formas contemporâneas.  
Textos do Brasil, n. 16, p. 84-115, Brasília, 10 maio 2010. Disponível  
em:  
<http://www.unirio.br/espacoteatral/arquivos/anexo/artigos/arquitetura-teatral-e-cidade>.  
Acesso em: 27 jan. 2024.

LIMA, Solange Ferraz de. **O trânsito dos ornatos: modelos ornamentais da  
Europa para o Brasil, seus usos (e abusos?)**. Anais do Museu Paulista: História e  
Cultura Material, v. 16, p. 151-199, 2008. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/qXBS5PQhGYbVRYNGqCXWxHn/> Acesso em: 27  
jan. 2024.

LUVIZOTTO, CK. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São  
Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 93 p. ISBN  
978-85-7983-008-2. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 27 jan.  
2024

MARTINS, Bruno Soares; DE MELO TAMANINI, Carlos Augusto. **Teatro e  
suas tipologias**. Akropolis-Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, v. 13, n.  
2, 2005. Disponível em:  
<https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/472/0>. Acesso em 27  
jan. 2024.

MENDES, Francisco R.; VERÍSSIMO, Francisco; BITTAR, William. **Arquitetura  
no Brasil – de D. João VI a Deodoro**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio,  
2011. 180p.

MIRANDA, Marcia Eckert. **Ao Sul das Cortes: a Independência na Província  
do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, 2013.  
Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/65334#ftn11>.  
Acesso em: 27 jan. 2024.

MONTEIRO, Antenor de Oliveira. Rebuscos - Coisas e Factos da Cidade: Theatro 7 de setembro. **Jornal O Tempo**, Rio Grande, 12 de abril de 1939. Ano XXXIII, nº101.

OLIVEIRA, L. F.; PAULITSCH, V. S. **Entre os Edifícios Teatrais e o Fazer Cênico**: Um Panorama Histórico do Teatro em Rio Grande/RS. 2020. p.106. Instituto de Letras e Artes (monografia) - Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, 2020. Disponível em: [https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/conteudo\\_digital/265fe911b2c6c74459a7a9e7f1587839.pdf](https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/conteudo_digital/265fe911b2c6c74459a7a9e7f1587839.pdf). Acesso em: 27 jan. 2024.

OLIVEIRA, L. F.; PAULITSCH, V. S. **Entre os Edifícios Teatrais e o Fazer Cênico**: Um Panorama Histórico do Teatro em Rio Grande/RS. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 160, p. 183-205, julho de 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/viewFile/111533/63817>. Acesso em: 27 jan. 2024.

PEREIRA, José Ramón Alonso. **Introdução à história da arquitetura**: das origens ao século XXI. Bookman Editora, 2010.

PREFEITURA Municipal de Santa Maria. **Theatro Treze de Maio**. Secretaria de Município de Cultura. s/d. Disponível em: <https://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/553-theatro-treze-de-maio>. Acesso em: 27 jan. 2024.

PREFEITURA Municipal de Triunfo. **Teatro União**. Turismo. s/d. Disponível em: <https://www.triunfo.rs.gov.br/turismo/view/5/teatro-uniao>. Acesso em: 27 jan. 2024.

PREFEITURA de Passo Fundo. **Prefeito autoriza obra de restauração do Teatro Múcio de Castro**. 13 mar. 2014. Disponível em: <https://www.pmpf.rs.gov.br/secretaria-de-planejamento/2014/03/13/prefeito-autoriza-obra-de-restauracao-do-teatro-mucio-de-castro-7968/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

PREFEITURA de Passo Fundo. **Teatro Múcio de Castro**. Histórico. s/d. Disponível em: <https://www.pmpf.rs.gov.br/teatro/historico/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertudini. **A vila do Rio Grande de São Pedro 1737-1822**. Pós Graduação em História do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1985. p. 352.

RAMOS, Renato Menezes. **O exotismo na arquitetura eclética do Rio de Janeiro**. Encontro de História da Arte, n. 5, p. 347-354, 2009.

RICHETTI, Sandra. **Theatro União** - Triunfo, RS. s/d. Disponível em: <https://teatrodetriunfo.blogspot.com/?m=1>. Acesso em: 27 jan. 2024.

RODRIGUES, José Wash. **Documentário Arquitetônico**. Editora Itatiaia, 1990. p. 326.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias**. Editora UNESP, 2010.

**THEATRO Treze de Maio - Santa Maria/RS**. s/d. Disponível em: <https://theatro13maio.wixsite.com/theatro13maio/historia>. Acesso em: 27 jan. 2024.

SABER Fazer Estuque. **O Theatro Esperança**. Patrimônio - Arquitetura. 7 fev. 2020. Disponível em: <https://saberfazerestuque.wordpress.com/2020/02/07/o-theatro-esperanca/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

SEGANFREDO, Fernanda Salamoni; QUERUZ, Francisco. **Estudo de edifícios localizados no entorno da Praça Saldanha Marinho, Santa Maria, RS**. Disciplinarum Scientia| Artes, Letras e Comunicação, v. 14, n. 1, p. 27-38, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/download/819/761>. Acesso em: 27 jan. 2024

SERRONI, José Carlos. **Teatros: uma memória do espaço cênico no Brasil**. Editora Senac São Paulo, 2019.

SILVA, Flayane Höehr. **Theatro Prezewoodski: 121 anos de história**. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/18341>. Acesso em: 27 jan. 2024

SIMON, Gilberto. **Theatro São Pedro completa 165 anos mirando conclusão do Multipalco sonhado por Eva Sopher**. Porto Imagem, Arquitetura/Urbanismo. 13 maio 2023. Disponível em: <https://portoimagem.wordpress.com/2023/05/13/theatro-sao-pedro-completa-165-anos-mirando-conclusao-do-multipalco-sonhado-por-eva-sopher/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

STANISKI, Adelita; KUNDLATSCH, Cesar Augusto; PIREHOWSKI, Dariane. **O conceito de lugar e suas diferentes abordagens**. Perspectiva Geográfica, v.

9, n. 11, 2014. Disponível em:  
<https://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/11154/8417>.  
Acesso em 27 jan. 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIÑAS, Salvador Muñoz. **Teoria Contemporânea da restauração**. SciELO-Editora UFMG, 2021.